

**XIV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO**

# **CADERNO DE RESUMOS**

**cidade, arquitetura e urbanismo:  
visões e revisões do século XX**

**programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo**  
instituto de arquitetura e urbanismo  
**universidade de são paulo**

13 a 15 de setembro de 2016  
**são carlos - sp**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Vahan Agopyan

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - IAU

Diretor: Miguel Antônio Buzzar

Vice-diretor: Joubert José Lancha

Presidente da Comissão de Pós-graduação: Cibele Saliba Rizek

Presidente da Comissão de Pesquisa: Marcio Minto Fabricio

Catálogo na Publicação

Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

- 
- S471 Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (14. : 2016 : São Carlos, SP)  
Caderno de Resumos : cidade, arquitetura e urbanismo : visões e revisões  
do século XX, [do] XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo,  
13 a 15 de setembro de 2016 / [Organizadores: Sarah Feldman, Carlos R.  
M. de Andrade] . -- São Carlos : IAU/USP, 2016.  
162 p.

ISBN 978-85-66624-09-0

1. Cidade. 2. Arquitetura. 3. Urbanismo. I. Feldman, Sarah, org. II.  
Andrade, Carlos R. M. de, org. III. Título.

CDD 711.063

---

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo

Endereço: Av. do Trabalhador São-Carlense, 400, Centro

Campus USP (Área 1)

CEP 13566-590, São Carlos - SP

Telefones: (55) (16) 3373-9312; (55) (16) 3373-9264

E-mail: [iau.pgr@sc.usp.br](mailto:iau.pgr@sc.usp.br); Página web: [www.iau.usp.br](http://www.iau.usp.br)

**sarah feldman | carlos r. m. de andrade**  
(organizadores)

**XIV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO**

# **CADERNO DE RESUMOS**

**cidade, arquitetura e urbanismo:  
visões e revisões do século XX**

**programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo**  
instituto de arquitetura e urbanismo  
**universidade de são paulo**

SETEMBRO DE 2016  
**são carlos - sp**



**Apresentação****007**

Comissão Organizadora

008

Comissão Científica

009

Conferencistas

010

Palestrantes

012

Debatedores

014

Eixos Temáticos

016

**Resumos de Textos**

019

Eixo Temático

Conceitos, Obras de Referência e Historiografia

021

Eixo Temático

Ideários, Práticas Urbanísticas e Processos de Institucionalização

039

Eixo Temático

Cultura Técnica, Forma e Materialidade da Cidade

057

Eixo Temático

Representações, Memória e Preservação da Cidade

071

**Resumos de Pôsteres**

093

Índice dos autores

110

Anotações

113

Equipe de apoio

155

Agradecimentos

157

Telefones úteis

158

Apoios institucionais

161

# Sumário



Criado por iniciativa do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo vem sendo realizado a cada dois anos, desde 1990. Nestes 26 anos de existência, 13 edições do Seminário foram realizadas, em 10 cidades de diferentes regiões do país, sediadas por programas de pós-graduação vinculados às áreas de Arquitetura e Urbanismo e de Planejamento Urbano.

O Programa de Pós - graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP-São Carlos sediou a terceira edição do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, em 1994. Ao voltar a acolher o evento, propõe a reflexão e o debate sobre a história e a historiografia da cidade, da arquitetura e do urbanismo, a partir de interpretações, revisões e sínteses dos repertórios mobilizados ao longo do século XX.

As duas primeiras décadas do século passado foram decisivas na constituição de saberes sobre a cidade, a arquitetura e o urbanismo: exposições e conferências internacionais mobilizaram profissionais de diferentes campos disciplinares nos Estados Unidos, Europa e América Latina; o urbanismo se institucionalizou como campo de conhecimento e prática profissional; a arquitetura se voltou para a reflexão e a intervenção na cidade; estudos semanais sobre as condições da vida social nas grandes cidades foram publicados; a produção habitacional em massa foi colocada no centro das reflexões e propostas doutrinárias; foram concebidos planos, projetos e instituições públicas abrangendo múltiplas escalas territoriais; novas técnicas e práticas sociais suscitaram experimentações e inovações nas formas de projetar, construir e intervir nas cidades.

A distância de um século deste período de intensa problematização das possibilidades e tensões da vida urbana permite renovar o olhar sobre o século XX. Coloca-se, portanto, o desafio de leituras, releituras, atualização e aprofundamento crítico de conceitos, ideários e práticas mobilizados sobre a tríade cidade, arquitetura e urbanismo, a partir do olhar do presente, marcado por mudanças profundas que emergiram na passagem para o século XXI.

# Apresentação

## Comissão Organizadora

Coordenação: Sarah Feldman

Docentes:

Aline Coelho Sanches

Carlos Alberto Ferreira Martins

Carlos Roberto Monteiro de Andrade

Cibele Saliba Rizek

Eulalia Portela Negrelos

Tomás Antonio Moreira

Pesquisadora: Adriana Leal de Almeida Freire

Programação Visual: Paulo César Castral

Apoio técnico e administrativo:

Andreia Carla C. Salla - Técnica para Assuntos Administrativos

Evandro Cesar Bueno - Técnico em informática

Flávia Cavalcanti Macambyra - Técnica para Assuntos Administrativos

Françoes José Gila - Serviço de Contabilidade e Finanças

Lessandro Gimenez de Carvalho - Técnico para Assuntos Administrativos

Sergio Carlos Celestini - Assistência Técnica Administrativa e Financeira

## Comissão Científica

Coordenação: Carlos Roberto Monteiro de Andrade (IAU- USP)

Ana Lucia D. Lanna (FAU-USP)  
Angela Lúcia de Araújo Ferreira (UFRN)  
Cibele Saliba Rizek (IAU-USP)  
Eulalia Portela Negrelos (IAU-USP)  
Fernando Diniz Moreira (UFPe)  
George A. Ferreira Dantas (UFRN)  
João Masao Kamita (PUC-RJ)  
José Francisco Bernardino Freitas (UFES)  
José Geraldo Simões Junior (UPM)  
Maria Beatriz C. Cappello (UFU)  
Paola Berenstein Jacques (UFBa)  
Renato Anelli (IAU-USP)  
Renato Leão Rego (UEM)  
Ricardo Trevisan (UNB)  
Robert Pechman (UFRJ)  
Telma de Barros Correia (IAU-USP)  
Tomás Antonio Moreira (IAU-USP)  
Virginia Pontual (UFPe)

# Comissões

## **Franz Stanislaus Ludwig Josef von Moos**

(Lucerne, Suíça, 1940)

Historiador da arte, Professor emérito de História da Arte Moderna na Universidade de Zurich, onde lecionou de 1983 a 2005. Professor visitante na École Polytechnique Fédérale, Lausanne (2016) e na Yale University (2010-2014). Fundador e editor da revista suíça “Archithese” (1971-1980). Co-curador de exposições como “Le Corbusier. The Art of Architecture” (2007) e “Louis Kahn. The Power of Architecture” (2012). Publicou, entre outros livros, “Le Corbusier, Elements of a Synthesis” (The MIT Press, 1968) e “Nicht Disneyland”, uma coleção de ensaios críticos sobre arte contemporânea e arquitetura (Auflage: 2004).

## **Jorge Francisco Liernur**

(Buenos Aires, Argentina, 1946)

Arquiteto graduado pela Universidade de Buenos Aires. Professor emérito da Escuela de Arquitectura y Estudios Urbanos da Universidad Torcuato Di Tella e Investigador Principal do CONICET. Professor visitante em universidades americanas, europeias e asiáticas. Editor de "BLOCK", Revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio (Ed. Universidad Torcuato Di Tella). Curador convidado da exposição "Latin America in construction; Architecture 1955-1980" (MOMA-NYC, 2013). Publicou, entre outros livros, "Trazas de Futuro. Episodio de la cultura arquitectónica de la modernidad en América Latina" (Santa Fé: 2008).

# Conferencistas

**Daniele Vitale** (Muralto, Suíça, 1945)

Arquiteto graduado pelo Politécnico de Milão, onde é Professor de Composição Arquitetônica. desde 1976, e titular da cátedra a partir de 1987. Também ensinou no Politécnico de Turim e foi professor visitante da Graduate School of Design de Harvard nos EUA, e em universidades portuguesas e espanholas. Redator, de 1978 a 1981, da revista “Lotus International”. Trabalhou com Aldo Rossi na XV e XVI Triennale di Milano . Publicou, com outros autores, “Architettura razionale” (Milano: Franco Angeli, 1973). Com Carlo Olmo dirige desde 1998 a coleção de textos teóricos “I testimoni dell’architettura”, da editora Allemandi, de Turim.

**Arturo Almandoz Marte** (Caracas, Venezuela, 1960)

Urbanista graduado pela Universidad Simón Bolívar. Professor titular do Departamento de Planificación Urbana da Universidad Simón Bolívar, e titular adjunto da Pontificia Universidad Católica de Chile, desde 2010. Foi professor visitante de diversas instituições, como a Architectural Association (Londres). Tem várias obras publicadas, como “Entre libros de historia urbana. Para una historiografía de la ciudad y el urbanismo en América Latina” (Caracas: Equinoccio, 2008) e “Planning Latin America’s Capital Cities, 1850-1950”, editor (Londres y Nueva York: Routledge, 2002, 2010).

**Carlos Alberto Ferreira Martins** (Anadia, Portugal, 1951)

Arquiteto e urbanista graduado pela FAU-USP, professor titular do IAU-USP. Foi Diretor do IAU-USP (2010-16). Foi curador da Representação Brasileira da I e II Bienal de Arquitectura Latino-americana. (Pamplona, Espanha, 2009 e 2011) Editou o livro de Piet Mondrian, Neoplasticismo na pintura e na arquitetura (São Paulo: CosacNaify, 2008) e publicou “État, culture et nature aux origines de l’architecture moderne au Brésil: Le Corbusier et Lucio Costa 1929-1936”, in: Prelorenzo, Claude; Bédarida, Marc. (org.), “Le Corbusier et la Nature” (Paris: Fondation Le Corbusier / Éditions de La Villette, 2005).

**Lucio Kowarick** (São Paulo, Brasil, 1938)

Sociólogo, Professor titular de Ciência Política da FFLCH-USP. Foi professor e pesquisador visitante das Universidades de Paris, Oxford, Sussex, Londres e Japan Center for Area Studies. Publicou, entre outros livros, “São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política” ( com Eduardo Marques), Editora 34/ CEM, 2011, “Viver em Risco” (São Paulo: Editora 34, 2008), “Espoliação Urbana” (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980), e é um dos autores de “São Paulo, 1975. Crescimento e Pobreza” (São Paulo: Ed. Loyola, 1976).

### **Ana Maria Fernandes** (Birigui, Brasil, 1955)

Arquiteta e urbanista graduada pela FAUUSP Professora associada 4 da Faculdade de Arquitetura da UFBA, onde foi diretora de 1999 a 2003. Professora convidada do Institut d'Urbanisme de Paris/UPEC (2011) e da Eötvös Loránd University of Budapest (2012). Coordenadora brasileira do programa diverCIDADE (CAPES/FIPSE) e do Comitê Binacional (França e Brasil) de implementação do Programa Attilio. Publicou, entre outros livros, "Acervo do EPUCS: contextos, percursos, acesso" (Salvador: UFBA, 2014). Organizou com Marco Aurelio Gomes, "Cidade & História. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX" (Salvador: UFBA, 1992), coletânea com trabalhos do I Seminário de História Urbana.

### **Nabil Bonduki** (São Paulo, Brasil, 1956)

Arquiteto e urbanista graduado pela FAUUSP, onde é professor titular. Foi Superintendente de Habitação Popular do Município de São Paulo (1989-92), Secretário de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente (2011-2), Secretário da Cultura do Município de São Paulo (2015-2016) e vereador do Município de São Paulo (2001-4 e desde 2013). Autor, entre outras obras, de "Pioneiros da Habitação Social" – 3 vols. (Editora Unesp e Edições SESC, 2014) e "Origens da Habitação Social no Brasil" (São Paulo: Estação Liberdade, 1998).

### **Francisco Foot Hardman** (São Paulo, Brasil, 1952)

Graduado em filosofia pela FFLCH-USP. Professor Titular do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Professor visitante de diversas instituições, como a Universidade da Califórnia-Berkeley, Universidade Livre de Berlim, Universidade de Roma La Sapienza e Universidade de Bolonha Publicou, entre outros livros, "A Vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna" (São Paulo: Editora Unesp, 2009) e "Trem fantasma: a modernidade na selva" (São Paulo: Companhia das Letras, 1991).

### **Robert Moses Pechman** (Juiz de Fora, Brasil, 1949)

Graduado em História pela USP, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor em História pela Unicamp e pós-doutorado pela École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris. Professor adjunto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi co-organizador do livro "Cidade, Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno" (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996). Publicou "Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista" (Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002) e organizou o livro "A Pretexo de Simmel: cultura e subjetividade na metrópole contemporânea" (Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014).



**Carlos Eduardo Comas** (PROPAR-UFRGS)

**Fania Fridman** (IPPUR-UFRJ)

**José Tavares Correia de Lira** (FAU-USP)

**Lilian Fessler Vaz** (PROURB-UFRJ)

**Margareth da Silva Pereira** (PROURB-UFRJ)

**Maria Cristina da Silva Leme** (FAU-USP)

**Maria Stella Bresciani** (IFCH-UNICAMP)

**Paulo César Garcez Marins** (MP-USP)

# Debatedores

## **Conceitos, Obras de Referência e Historiografia**

Este eixo temático é dedicado à apreensão e discussão da cidade em abordagens teóricas e conceitos mobilizados e formulados ao longo do século XX em campos disciplinares diversos. Como se desenham as relações entre cidade, arquitetura e urbanismo; a problematização da metrópole; origens e percursos de abordagens e conceitos; livros, textos, pesquisas, projetos e planos que se tornam referência; diálogos e embates entre profissionais e/ou estudiosos, são questões a serem exploradas. Leituras e releituras da historiografia da cidade, da arquitetura e do urbanismo do século XX também se incluem no escopo deste eixo.

## **Ideários, Práticas Urbanísticas e Processos de Institucionalização**

Este eixo temático se volta para a interpretação de ideários e práticas urbanísticas em diferentes contextos políticos, sociais, econômicos e culturais ao longo do século XX. São questões a serem exploradas: origens, permanências, rupturas e ressignificação de ideários e práticas; o papel de profissionais, agentes públicos, privados, organizações da sociedade civil, instituições nacionais e internacionais em sua formulação, difusão e apropriação; as relações entre ideários, práticas urbanísticas e dinâmicas urbanas. São de interesse, também, as aproximações e distanciamentos entre arquitetura e urbanismo ao longo do século, do ponto de vista da formação e organização dos campos profissionais, das práticas urbanísticas e dos processos de institucionalização.

## **Cultura Técnica, Forma e Materialidade da Cidade**

Este eixo temático é dedicado à discussão da cidade como objeto construído, a partir das relações entre cultura técnica e forma urbana ao longo do século XX. São questões a serem exploradas: os conhecimentos, competências técnicas e saberes profissionais; dimensões técnica e estética da cidade; formulações para intervenção na cidade existente, para planos e projetos de cidades novas, para o enfrentamento da questão metropolitana; o papel das infraestruturas, dos grandes equipamentos públicos e da legislação na organização e configuração do território. Estão também em foco neste eixo os desafios da produção em massa da habitação, os processos construtivos, as tipologias e morfologias urbanas concebidas em diferentes momentos do século XX.

## **Representações, Memória e Preservação da Cidade**

O foco deste eixo temático é a discussão das representações da cidade que marcaram o século XX a partir de várias dimensões. São de interesse para este eixo trabalhos que explorem as representações da cidade no cinema, na literatura, na fotografia, nas artes e na imprensa; diálogos entre arte, arquitetura e urbanismo; história, passado e presente nas estratégias de preservação; as relações entre práticas sociais, espaço e memória. São também questões a serem exploradas o espaço como produto e meio de produção de memórias individuais e coletivas e a produção e expressão cultural na apropriação da cidade.

# **Eixos Temáticos**



# RESUMOS DE TEXTOS



**conceitos, obras  
de referência  
e historiografia**

## **Cidade e urbanismo na América Latina: um olhar através das revistas especializadas italianas, 1930-1966**

José Carlos Huapaya Espinoza; Nathalia Araujo Simões  
*Faculdade de Arquitetura*  
*Universidade Federal da Bahia*  
*jhuapayae@gmail.com; n.araujosimoes@gmail.com*

Grosso modo, no Brasil, há aproximadamente quinze anos as revistas especializadas italianas vêm sendo utilizadas e incorporadas em debates e discussões que tentam ampliar a compreensão e (re)leitura da história da arquitetura e do urbanismo do país. Nesse sentido, destacamos as contribuições de Tinem (2002) e Gomes (2009), mas também, um conjunto de artigos que tentam balizar o espaço que essas revistas deram à experiência brasileira. Mas, o que foi divulgado nessas revistas sobre a experiência latino-americana? Qual foi a temática e projetos que foram privilegiados? Qual a lógica das conexões entre a América Latina e a Itália que permitiram essa divulgação? Uma primeira aproximação ao tema mostra que, basicamente, no Brasil as revistas *Casabella*, *Domus*, *L'Architettura* e *Zodiac* vêm sendo recorrentemente utilizadas para entender esse “olhar italiano”, porém, esta comunicação propõe expandir esse panorama através da análise de outras quatro revistas especializadas, e não menos importantes, apesar de pouco conhecidas no Brasil: *Edilizia Moderna*, *Urbanistica*, *Metron* e *Il Cantiere*. Com isto, buscamos abranger produções de outras regiões do país (norte e centro da Itália), como forma de investir na diversidade de olhares; estender e diversificar os perfis editoriais por meio da incorporação de revistas sobre urbanismo e construção; contemplar revistas que tiveram circulação restrita à Itália e àquelas tidas como “não comerciais” e; finalmente, entender a lógica que perpassa nessas publicações, dado que não eram dirigidas especificamente para arquitetos, mas também para engenheiros, é o caso das revistas *Edilizia Moderna* e *Il Cantiere*. Os resultados das análises indicam a presença de um conjunto amplo de projetos arquitetônicos e urbanísticos latino-americanos; a preferência e interesse por determinadas abordagens, que variam de acordo com o perfil editorial de cada revista e; também, o que é mais interessante, uma estreita e bem articulada rede profissional entre a Itália e a América Latina, aspecto determinante na divulgação da produção do continente.

*América Latina; movimento moderno; revistas especializadas*

## **Interpretações sobre o espaço aberto na cidade da arquitetura moderna: José Luis Sert, Antonio Bonet Castellana e os planos para Chimbote (1948) e Barrio Sur (1956)**

Helena Bender

*PROPAR - Faculdade de Arquitetura  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
bender.helena@gmail.com*

O espaço aberto é componente determinante no desenho da cidade imaginada pela arquitetura moderna. É através dele que se pode pensar em uma cidade na qual ar, natureza e luz são características abundantes. O espaço aberto, entretanto, é componente pouco compreendido pela crítica dirigida à cidade da arquitetura moderna, que com frequência o descreve como apenas verde e vazio, resultante de critérios técnicos de insolação, ou subjacente à arquitetura. Além disso, a relação entre espaço aberto e construído é assunto controverso mesmo entre os membros dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Assim, contrastar as ideias dos planos para a cidade peruana de Chimbote (1948), de José Luis Sert, Paul Lester Wiener e Paul Schulz, e para o Barrio Sur de Buenos Aires (1956), de Antonio Bonet Castellana, pode interpor a simplicidade da crítica sobre o espaço aberto. Enquanto proposição e desenho, Barrio Sur foi relacionado a Chimbote como solução semelhante, entretanto, o que se pretende demonstrar é que tais planos significaram interpretações opostas ao problema do espaço aberto na cidade da arquitetura moderna. Estudos têm reconhecido a contribuição de Chimbote – e, sobretudo, de Sert – em relação ao entendimento do espaço aberto como algo mais do que um intervalo entre edifícios, mas pouco foi observado sobre este aspecto em Barrio Sur – e em Bonet. Se Chimbote e Barrio Sur representaram interpretações diferentes sobre o espaço aberto, é possível que o assunto seja mais complicado do que usualmente reportado, e que existam mais exemplos que confirmem a cidade da arquitetura moderna como projeto de estratégias sofisticadas.

*espaço aberto; cidade moderna; arquitetura moderna*

## **Modernidade nos jardins: correlações entre as casas de Bratke e a urbanização do bairro Paineiras do Morumbi**

Anderson Dall Alba  
*PROPAR - Faculdade de Arquitetura*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*dallalba.anderson@gmail.com*

O artigo examina o projeto de urbanização idealizado por Oswaldo Bratke para o bairro Paineiras do Morumbi, ao final dos anos 1940, e os projetos das residências Morumbi (1951) e Oscar Americano (1952), ambas construídas simultaneamente à formação do bairro em terrenos pertencentes à gleba delimitada. Sabe-se que o modelo dos bairros-jardins implantados em algumas regiões de São Paulo a partir da década de 1910, que era inspirado na paisagem pitoresca da cidade-jardim teorizada por Howard, foi uma referência para o padrão urbano proposto por Bratke. Por outro lado, as residências Morumbi e Oscar Americano, exemplares da arquitetura idealizada para o local, são reconhecidas como obras importantes da arquitetura moderna brasileira: a primeira integrou os catálogos de Hitchcock (1955) e Mindlin (1956), enquanto a última foi destacada em periódicos relevantes do período, tais como as revistas *Acrópole* (1957) e *Habitat* (1957). Apesar dessas publicações destacarem a sintonia entre a arquitetura das residências e o seu contexto de inserção, nenhuma delas examina o projeto urbano, tampouco apresenta uma implantação integral do conjunto. Ao analisar sequencialmente os projetos do bairro e das casas, este artigo demonstra que, apesar das diferenças em termos de desenho, as suas concepções seguiram princípios comuns, que buscavam uma relação coerente entre arquitetura e paisagem. Partindo dos estudos já realizados acerca da trajetória de Bratke, o trabalho pretende contribuir para uma melhor compreensão desses projetos, concepções relevantes enquanto contribuição do arquiteto e, até agora, tratadas separadamente pela historiografia.

*Oswaldo Bratke; arquitetura moderna brasileira; bairros-jardins*

## **Cidade, escola e urbanismo: o Programa Escola-Parque de Anísio Teixeira**

25

Samira B. Chahin  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
samira\_chahin@yahoo.com.br*

Este artigo transita entre os discursos de Anísio Teixeira, vinculados especificamente à formulação do programa escola-parque, e o repertório técnico-projetual da arquitetura moderna brasileira. Trata-se de uma aproximação entre a concepção do partido arquitetônico da Escola-Parque do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, CECR, em Salvador, e aquele formulado para a Escola-Parque pioneira do Plano Educacional de Brasília, localizada no entrequadra SQS-307/308, de seu Plano Piloto. Talvez os dois mais significativos edifícios realizados para espacializar o mesmo programa escolar de Anísio Teixeira, em contextos político e técnico-profissional distintos. A contribuição pretendida com esse artigo fundamenta-se na observação e análise do projeto arquitetônico dessas escolas a partir da mobilização do conceito de educação progressiva – tal qual expresso pelo educador em texto de 1934 – rastreando evidências sobre a importância da dimensão urbana presente no programa escola-parque. O objetivo do texto consiste em perceber as escolhas e esquecimentos decorrentes do reatamento do programa escolar de Anísio Teixeira em lugares de educação, na gênese de seu diálogo com a arquitetura moderna. O programa escola-parque nasceu, sem dúvida, do diálogo de Anísio com a agenda moderna de educação e exigiu de seus arquitetos inovação nas soluções projetuais de maneira a atender às demandas do novo paradigma educativo. Os projetos deveriam afastar-se da espacialidade da escola tradicional e buscar nos grandes vãos estruturais, na generosidade de aberturas para luz, na planta livre, entre outras estratégias da linguagem moderna da arquitetura, a conformação espacial necessária para que o aprendizado pudesse ser lastreado pela experiência. Por outro lado, a socialização dada pela vida comunitária marcaria as tentativas de diálogo do programa escola-parque com o urbanismo.

*Anísio Teixeira; escola-parque; educação progressiva*

## **A lei desenha a cidade (?): urbanismo e política no debate sobre o estatuto municipal espanhol**

Rodrigo de Faria  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de Brasília*  
*rs-dfaria@uol.com.br*

A partir da ideia básica de que a lei desenha a cidade este texto aborda o conjunto dos debates e interpretações sobre o Estatuto Municipal Espanhol criado em 1924, especialmente em relação aos temas urbanísticos, à cooperação intermunicipal, habitação e demais temas de interesse ao desenvolvimento dos municípios. Não desconsiderando que a propriedade da terra é o ponto central de toda história do urbanismo, ainda que a historiografia sobre esse urbanismo se atenha muito mais aos desenhos e proposições que efetivamente aos jogos políticos intrínsecos à prática profissional urbanística. E é ponto central por uma questão básica: a propriedade da terra é o grande ativo financeiro do processo de expansão urbana, portanto, da indústria da construção em todos os seus sentidos e escalas: a escala habitacional, do transporte e sistema viário, ou seja, de todo tipo de intervenção no território. O texto também percorre e problematiza a formulação do Estatuto Municipal, as ideias dos profissionais contemporâneos ao momento de criação do documento, além das interpretações formulados por historiadores do campo jurídico e do campo arquitetônico e urbanístico, colocando-o em articulação com a pauta municipalista internacional na Europa e América. Por fim, aborda possíveis contradições do Estatuto Municipal, mas sem desconsiderar o que foi entendido como seu importante papel histórico para o desenvolvimento urbano e urbanístico dos municípios espanhóis na primeira metade do século XX, culminando na criação da Unión de Municipios Españoles (UME). Seria então a UME parte de um projeto centralizador, com tudo que projetos centralizadores contradiziam com a base filosófica da autonomia municipal, dado ser como um jogo político em que se articulavam a autonomia das elites locais com o centralismo do poder central?

*estatuto municipal espanhol; urbanismo; planejamento urbano;  
cooperação intermunicipal*

## John Friedmann: um “expert” em planejamento regional na América Latina

27

Elisangela de Almeida Chiquito  
*Escola de Arquitetura  
Universidade Federal de Minas Gerais  
lis\_arq@yahoo.com.br*

Este trabalho realiza uma reflexão sobre a circulação de ideias, concepções e experiências em planejamento urbano e regional no circuito internacional de cooperação técnica para o desenvolvimento a partir da trajetória de John Friedmann. Após o final da 2ª guerra, um verdadeiro aparato institucional é montado para a assistência internacional, formado por uma rede de organismos internacionais, públicos e privados (ONU, Ford Foundation e Rockefeller Foundation), pelos programas de assistência (Point IV, Partners in Progress) e pelos agentes de financiamento (BIRD, Banco Mundial). Nesse contexto, a América Latina se insere no circuito privilegiado de experts internacionais engajados na missão de cooperação e assistência técnica às regiões subdesenvolvidas. Esses profissionais contribuem para a circulação de ideias e concepções no que se refere ao planejamento regional para o desenvolvimento em nível internacional. A análise aqui empreendida propõe refletir sobre a esse fluxo de ideias e concepções internacionais, a partir da trajetória de John Friedmann durante sua permanência na América Latina. Friedmann teve ampla contribuição do ponto de vista teórico e no campo das práticas profissionais de planejamento regional na América Latina, atuando como consultor internacional e professor universitário no Brasil (1955-58), Venezuela (1961-65) e Chile (1965-69). Busca-se desvendar as aproximações teóricas de Friedmann, o percurso de suas ideias, as permanências, deslocamentos e transformações das concepções ao se transferirem de um contexto político e cultural para outro, assim como compreender de que maneira foram colocadas em prática em sua contribuição profissional no campo do planejamento urbano e regional na América Latina.

sessão de trabalho: município, região e escalas de planejamento

## **Cidade como peça-chave para o desenvolvimento regional: o planejamento paranaense nos anos de 1960**

Gislaine Beloto

*PPU - Universidade Estadual de Maringá*

*Universidade Estadual de Londrina*

*gebeloto@gmail.com*

Este artigo trata de aproximações conceituais e propositivas a partir de ideias vigentes no incipiente planejamento do estado do Paraná dos anos de 1960, sobretudo aquelas presentes no Plano de Desenvolvimento do Paraná elaborado pela Sociedade de Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS) em 1963 e seus rebatimentos nos Planos Diretores de Desenvolvimento das principais cidades do norte paranaense - Londrina e Maringá, elaborados respectivamente em 1968 e 1967. Nesse período, os fundamentos do planejamento paranaense são demarcados por contrapontos e convergências derivados da Economia Humana e da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL). Os contrapontos são decorrentes da coexistência do conceito de desenvolvimento como um processo e como uma condição; e as convergências são resultantes do modelo de polarização do território e da industrialização propostos. Desta última, destaca-se a importância da cidade como elemento primordial do planejamento na década supracitada.

Renato Rego

*PPU – Universidade Estadual de Maringá*

*Universidade Estadual de Londrina*

*rlrego@uem.br*

Um ambicioso empreendimento de colonização, reforma agrária e criação de cidades ao longo da recém aberta rodovia Transamazônica foi iniciado em 1972 pelo governo federal, como parte de um plano para desenvolvimento da Amazônia. O esquema de colonização e urbanismo então implantado pelo INCRA foi criado pelo urbanista carioca José Geraldo da Cunha Camargo com base no ideário garden city e no urbanismo funcionalista pós-Brasília. Apesar dos investimentos, da aparente longa preparação e planejamento, o esquema acabou abandonado como fracasso. Entretanto, este trabalho mostra que o projeto destas cidades incorporou as premissas da cidade funcional e não apenas traçou formas urbanas distintas das cidades tradicionais na região mas também idealizou o perfil do colono e a sua vida em comunidade. Foi nesse sentido que o esquema de colonização entendeu que “uma nova civilização – nordestinos e sulistas – estava nascendo”, “progressista” e “coesa”, heterogeneamente formada por “homens selecionados”, migrantes “doutrinados” e desprovidos de seus vícios, tabus e costumes de origem. A heterogeneidade da origem dos colonos foi deliberadamente incluída no esquema da colonização como um meio de se prevenir a interferência de tradicionalismos no progresso das novas comunidades. Desse modo, cidades funcionalistas, hierarquicamente estruturadas, com forte conexão com a zona rural, acomodariam cidadãos sem rasgos característicos predominantes, em casas padronizadas, para uma vida igualitária. O que este trabalho permite concluir é que a construção de um pensamento utópico, entrevista nas configurações urbanas e no comportamento idealizado para os seus moradores, está entre as causas do fracasso do esquema de colonização. Respalado em trabalhos da sociologia, antropologia, ecologia e economia, particularmente aqueles desenvolvidos por estudiosos norte-americanos que vivenciaram a experiência de urbanização na Transamazônica, este trabalho reúne e atualiza os estudos sobre este empreendimento e, ao mesmo tempo, traz esta discussão para o campo da história do urbanismo.

*idades novas planejadas; colonização; circulação de ideias*

## **Lições da Escola de Sociologia de Chicago para a pesquisa urbana contemporânea no Brasil**

Linda M. Gondim  
*PPGS - Departamento de Ciências Sociais*  
*Universidade Federal do Ceará*  
*lindagondim@uol.com.br*

O artigo discute a recepção, por pesquisadores do urbano no Brasil, do legado da Escola de Sociologia de Chicago, definida como um grupo de pesquisadores que trabalharam no Departamento de Sociologia daquela Universidade sob a liderança de W. Thomas e R. Park, de 1915 a 1935, e numa segunda fase, de 1945 a 1960, sob a influência de H. Blumer e E. Hughes. Professores e seus orientandos utilizavam enfoques teórico-metodológicos convergentes, numa perspectiva interdisciplinar, combinando métodos quantitativos e qualitativos para pesquisar temas relacionados ao contexto de rápido e desordenado crescimento de Chicago. Os intensos fluxos migratórios de várias regiões europeias e do Sul dos Estados Unidos produziam áreas segregadas onde se alojavam grupos étnicos e ocupacionais e atividades econômicas, inclusive criminosas (gangues, prostitutas, andarilhos etc.), cuja localização no espaço urbano obedeceria a padrões que viriam a ser objeto de estudo pela Escola de Chicago. Esta teve influência no início da institucionalização da sociologia no Brasil, mediante a presença de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, nos anos 1940 e 1950. Na pesquisa urbana contemporânea, porém, as contribuições da Escola de Sociologia de Chicago têm sido negligenciadas, a julgar por balanços da produção nas áreas de sociologia e antropologia - embora não haja espaço, no texto, para avaliar se isto ocorre também em outras áreas que estudam a cidade. Assinale-se que permanecem sem tradução para o português grande parte das obras realizadas por e sobre integrantes da Escola de Chicago. Entretanto, esta tem muitas lições a oferecer: suas práticas interdisciplinares e plurais de pesquisa, combinando teoria e empiria, uso de métodos quantitativos e qualitativos, diversidade de fontes e compromisso com a busca da compreensão crítica dos problemas sociais e políticos, sem resvalar para a militância.

## A crítica de Henri Lefebvre ao urbanismo moderno

31

Paolo Colosso  
*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*  
*Universidade de São Paulo*  
*paolocosso@gmail.com*

O artigo reconstitui aspectos fundamentais do trabalho teórico de Henri Lefebvre acerca do fenômeno urbano, com o objetivo de analisar a crítica do autor ao urbanismo moderno – enquanto saber e instituição. A primeira seção explicita em que momentos o conhecimento técnico do urbanismo se torna redutor e ideológico, em seguida sublinha o caráter fragmentador desta racionalidade e, ainda, seu distanciamento das práticas sociais, elementos que fizeram desta ciência parcelar uma força social que reproduz as condições socioespaciais marcadas pelas tendências à segregação, homogeneização e hierarquização de espaços. Deste modo, mostra que o urbanismo moderno se encontra entre os vetores de instrumentalização e ordenamento do espaço que bloqueiam a via para o que Lefebvre entende por sociedade urbana. A segunda seção evidencia por que razões os mesmos processos de modernização e urbanização, centrais para o diagnóstico lefebvriano da modernidade, também são condições de possibilidade de uma sociedade liberada de coerções, mais criativa e efetivamente democrática. Ainda neste momento, o artigo elenca três ideias-forças que podem servir a um urbanismo reformulado, na medida em que podem instaurar um saber ligado às práticas e voltado para a totalidade aberta do fenômeno urbano.

sessão de trabalho: a cidade como objeto de reflexão: saberes e paradigmas

## O “espaço de aparência pública” na obra de Kenneth Frampton

Leandro Cruz

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade de Brasília*

*Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas*

*Universidade Federal de Goiás*

*leandro.s.cruz@hotmail.com*

Neste artigo discute-se como o conceito de “espaço de aparência pública” vem sendo trabalhado na obra do historiador Kenneth Frampton desde suas obras iniciais, na passagem entre os anos 1960-70, até a produção mais recente. Interessa discutir como o autor se apropria do conceito de “espaço de aparência” de Hannah Arendt e o instrumentaliza para servir como um dos elementos chave de seu projeto historiográfico. Entende-se que Frampton o utiliza, num primeiro momento, como chave para construir uma distinção entre a mera construção e a arquitetura, assim como a relação que este artefato estabelece com o tempo. Logo passou a ser um instrumento importante para estabelecer uma seleção dos casos mais relevantes na apreciação da arquitetura e da cidade modernas, quanto lhe serve como forma de se posicionar criticamente frente aos avanços dos debates sobre o pós-modernismo em arquitetura e urbanismo. Mostra-se como este mesmo conceito está presente em grande parte dos principais contribuições teóricas / historiográficas de Frampton, como no caso do Regionalismo Crítico, dos debates sobre Forma / Cultura Tectônica e sobre Megaforma Urbana. Se comparado a outros autores que trabalham com o mesmo referencial teórico, a exemplo de George Baird e Hans Teerds, Frampton demonstra certa autonomia ao empregar o conceito arendtiano, pois insiste na dimensão espacial – e, portanto, material – do “espaço de aparência”. Ao final, discute-se o conceito se mostra como o objeto de desejo perdido de Frampton, que o permite construir seu projeto historiográfico em torno de uma busca contínua pela possibilidade de arquitetura e o projeto urbano serem ao mesmo tempo o lugar da vida pública e de sua representação.

*Kenneth Frampton; espaço de aparência pública; Hannah Arendt*

## **Espacio social: aportes para una definición del concepto y su posible relación con el arte**

Verónica Capasso

*Instituto de Historia del Arte Argentino y Americano  
Universidad Nacional de La Plata  
capasso.veronica@gmail.com*

En el presente trabajo proponemos avanzar de un modo crítico en horizontes teóricos, tanto desde la geografía urbana como desde la geografía política, para abordar el concepto de espacio. Para ello, analizamos las contribuciones de Henri Lefebvre, Milton Santos y Doreen Massey guiándonos por las siguientes preguntas: ¿Cómo definen estos autores al espacio y qué características le atribuyen? ¿Qué aportes realizan para problematizar la noción de espacio físico? A partir de esta indagación, arribamos a la consideración de que el espacio, lejos de concebirse en términos atemporales, objetivos, fijos y apolíticos, es una construcción histórico social que posee un carácter político al estar atravesado por relaciones de poder. Asimismo, sostenemos que la presencia del espacio en las prácticas sociales, entre ellas las acciones artísticas (objeto de nuestro interés), no es sólo contextual, por lo que excede a la idea de simple emplazamiento, telón de fondo o escenario donde transcurren los hechos. De esta manera, consideramos que estas indagaciones aportan un marco analítico significativo para comprender la centralidad que tiene la valoración, construcción y disputa del espacio por parte de numerosas prácticas. En síntesis, arribamos a la conclusión de que el espacio es a la vez productor y producto. Por ende, está en permanente cambio y las formas que adquiere son condición histórica y de posibilidad, y no una determinación, para los procesos sociales que allí se desarrollan. Cualquier manifestación social, entre ellas las artísticas, no se insertan en el espacio de forma “natural” sino que lo hacen de manera disruptiva, en lugares no esperados, con técnicas o mecanismos que apelan a descentrar, a movilizar los sentimientos y sentidos corporales, a despertar el interés, curiosidad, preguntas, cuestionamientos, entre otros. En este sentido, en el espacio construido socialmente confluyen cierta distribución del poder, el conflicto social y también las prácticas creativas que muchas veces se proponen generar operaciones contra esas dinámicas.

*espacio social; Henri Lefebvre; Milton Santos; Doreen Massey*

## **Arenas culturais e biografias urbanas: Gilberto Freyre, o Recife e A Província**

José Tavares Correia de Lira  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de São Paulo*  
*josetclira@gmail.com*

O presente ensaio discute os cruzamentos entre história social e biografia para pensar a hipótese de uma “história íntima” das cidades. Percorrendo algumas pistas historiográficas sugeridas por Gilberto de Freyre ao longo de sua obra, propõe-se a reconecta-la ao universo de formação do autor no meio cultural e intelectual recifense. Em um primeiro momento, acompanha o desenvolvimento da noção de “caráter da cidade” ou “personalidade urbana” nos registros evocativos de um passado e de uma paisagem ali perdidas. Em um segundo momento, propõe associar a consolidação do tema à formação dos anos 1920 de uma pulsante arena cultural no Recife, especialmente sensível aos traços de continuidade espaço-temporais no Nordeste açucareiro. Por fim, pretende situar a absorção desta agenda pelo jornal *A Província*, veículo extremamente influente política e culturalmente no final dos anos 1920. Entendendo-o como polo de produção e difusão de certa representação letrada do mundo social local, detenho-me especialmente sobre um série de escritos ali publicados em torno da criança e dos brinquedos infantis como expressivos de uma narrativa da cidade imune às concepções diacrônicas do tempo e as lógicas abstratas do espaço.

# Uma tese sobre São Paulo: Richard Morse e a formação da metrópole (1947-1970)

Ana Claudia Veiga de Castro  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de São Paulo*  
*anacvcastro@gmail.com*

Em 1954, nas comemorações do IV Centenário de fundação de São Paulo, o historiador norte-americano Richard Morse lançava seu livro sobre a história da cidade: *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo*. Dialogando com a Escola de Chicago e com as biografias de cidade norte-americanas, a obra era resultado de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Columbia dois anos antes. Mas por certo também devia muito ao encontro de seu autor com uma geração de intelectuais paulistas – notadamente Antonio Candido – que naqueles anos despontavam como os mais proeminentes críticos da cultura brasileira, docentes da recém fundada Universidade de São Paulo. Quando a obra é reeditada em 1970 como *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, dentro da coleção *Corpo e Alma do Brasil* dirigida por Fernando Henrique Cardoso e publicada pela Difusão Europeia do Livro (Difel), a mudança de título evidenciava o diálogo construído e mantido ao longo dos anos com aquela geração, explicitando seu lugar na historiografia de São Paulo. Esta comunicação pretende reconstruir brevemente as tramas dessa obra, buscando acompanhar a trajetória de seu autor pelas mais de duas décadas que separam o seu mestrado sobre os anos coloniais de São Paulo, *São Paulo The Early Years*, escrito em 1947 – trabalho que o apresentou à historiografia paulista – e a reedição de seu livro em 1970, período no qual Morse se tornou professor de História da América Latina na Universidade de Yale, ocupando diversos cargos ligados aos *Latin American Studies* dentro da academia norte-americana. Busca-se aqui iluminar a história dessa obra clássica, indicando diálogos, referências, leituras, interlocuções e parcerias de seu autor – sublinhando as particularidades da leitura de Morse sobre São Paulo – de modo a contribuir para a historiografia da cidade de São Paulo.

## **Luiz de Anhaia Mello – em busca de um urbanismo humanizado: ideário e autores de referência**

Heliana Angotti Salgueiro; José Geraldo Simões Junior  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
angotti@usp.br; jgsimoesjr@gmail.com*

O ideário do intelectual Anhaia Mello, engenheiro-arquiteto, professor e homem de instituições e de ação política, em prol da cidade de São Paulo, se expressa em múltiplas temáticas entre elas o “novo urbanismo humanizado”, vertente que requer aprofundamento das leituras de referência que tomava por base. Seus textos críticos foram difundidos especialmente em periódicos que marcaram a reflexão profissional nos decênios de 1920 a 1950 – fontes essenciais de pesquisa e meios de difusão de autores e leituras nos anais da historiografia paulista, que encerram ainda uma série de questões. Uma Biobibliografia comentada que reúne a produção de Anhaia Mello vem sendo preparada pelos autores desta comunicação nos termos de uma biografia intelectual. O teor e o alcance das temáticas críticas defendidas por ele, as modalidades de apropriação e citação de autores lidos em sua vasta biblioteca, inscrevem-se em uma história urbana sociocultural. Escolhemos como recorte esse urbanismo humanizado visando a cidade ideal, expresso em princípios que ele defendia como aplicáveis para São Paulo, na busca de soluções para o crescimento descontrolado por que já passava a cidade, gerando problemas urbanísticos que permanecem até hoje. Com base nas leituras de alguns autores representativos da bibliografia internacional do urbanismo, como Gaston Bardet e Le Corbusier (que eram incompatíveis...), Anhaia Mello articula afinidades em torno do ideário de um “urbanismo em escala humana”, como a saída para conferir o “bem comum” e a “alegria de viver à totalidade dos cidadãos” da metrópole, na contramão do desenvolvimentismo urbano vigente.

# **A cidade entre biografias e memórias: um resgate historiográfico nos depoimentos de Abelardo de Souza**

Marianna Cardoso  
*Universidade Federal do Tocantins*  
*mariannagpc@gmail.com*

O arquiteto Abelardo de Souza (1908-1981), publicou em 1978 “Arquitetura no Brasil: Depoimentos”. A partir da biografia dos arquitetos, pioneiros do Movimento Moderno brasileiro - Lucio Costa, Gregori Warchavichik, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Luis Nunes, Marcelo Roberto, Affonso Reidy e Flávio de Carvalho - o autor desenvolve uma narrativa estruturada em diversos depoimentos desses arquitetos, considerações de terceiros e opiniões do mesmo sobre os biografados. A obra destaca-se como uma produção importante dentro da historiografia da arquitetura e do urbanismo, expondo uma gama de reflexões sobre temas ligados a prática profissional, consolidação da estética modernista no Brasil e ensino de arquitetura e urbanismo no país. Fazendo uma releitura heróica do movimento moderno, Abelardo de Souza traça um panorama histórico sem o rigor acadêmico, ressaltado as bases teóricas do movimento modernista. A narrativa expõe que muito mais do que a adoção de uma nova estética impulsionada pelas novas tecnologias, evidenciando o fato de que o modernismo no Brasil foi adotado como um discurso de uma identidade nacional. Nessa perspectiva, Souza, alinhado com o pensamento de sua geração, reafirma a negação dos valores importados, a condenação do estilo eclético das edificações, construindo um movimento de reafirmação identitária, ufanista e carregado de ideias nacionalistas. Dentro da abordagem plural dessas biografias/depoimentos constatam-se em particular três dimensões de cidade: a cidade imaterial, a cidade real existente, e a cidade arquitetada, Brasília. Nesse sentido o presente artigo tem por objetivo construir um meta-discurso sob o prisma da história da cidade, partindo da análise de discurso. Intenciona-se assim, apresentar uma releitura da obra escrita de Abelardo de Souza, revisitando e dissecando a trama narrativa para fazer emergir a “cidade”, nas suas variadas dimensões, e explorar como a mesma é construída nas “histórias” dos arquitetos e representada na historiografia de Souza.



**ideários, práticas  
urbanísticas e  
processos de  
institucionalização**

## Vila militar do Rio de Janeiro: genealogia de uma produção pública de moradias?

Mariana Bonates

CAU - Universidade Federal de Campina Grande

*marianabonates@hotmail.com*

Este trabalho investigou o plano urbano e a arquitetura das casas na Vila Militar do Rio de Janeiro, construída como parte de um processo de modernização institucional da força militar no início do século XX. Essa vila foi projetada como a primeira unidade autônoma do Exército brasileiro, composta por edifícios administrativos e residenciais, de ensino e treinamento, formando um conjunto, cujas obras iniciaram-se em 1908. Segundo McCann (2007), a Vila Militar do Rio de Janeiro foi planejada com o intuito de servir de modelo a ser seguido na construção de outras estruturas militares distribuídas no país, embora não tenha se viabilizado para além deste agrupamento, devido à falta de recursos. A materialização deste conjunto também tinha um papel pedagógico de inculcar novas noções de habitabilidade e espaço, assim como um papel simbólico de representar as transformações em curso na instituição e a emergência dos oficiais enquanto importantes atores políticos no contexto da Primeira República. Essas intenções podem ser interpretadas a partir de algumas rupturas entre a concepção das casas na Vila Militar e aquelas construídas no século XIX para o mesmo pessoal. Sendo assim, além de se tratar de uma narrativa sobre as características arquitetônicas e urbanas dessa vila, este trabalho também procurou identificar princípios e sujeitos, bem como transformações e permanências entre as produções residenciais militares do século XIX e XX. Ademais, constatou-se a atuação de sujeitos em comum com a idealização do Bairro Operário Marechal Hermes, considerado pela literatura como a “primeira ação do governo federal voltada para a construção de conjuntos habitacionais” (BONDUKI, 2014, p.38; FERNANDES, 2006). Com isso, este trabalho procurou contribuir para a construção de mais um capítulo da historiografia da produção da habitação e da cidade, questionando a genealogia da atuação governamental brasileira na promoção de residências para os trabalhadores.

*vila militar; concepção projetual; arquitetura e urbanismo*

# O mercado de aluguéis na Primeira República: o caso da Barra Funda como bairro misto paulistano

Monique Borin

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*

*Universidade Estadual de Campinas*

*moniqueborin@gmail.com*

Esta comunicação apresenta um estudo de caso sobre o mercado de aluguéis no bairro da Barra Funda, em São Paulo, entre 1890 e 1920. Abordaremos o processo de urbanização de São Paulo, especialmente dos bairros centrais, durante a Primeira República, problematizando a importância do mercado de aluguéis para a estruturação urbana da capital paulista. Uma das características dos bairros paulistanos daquele momento era sua forma mista, como no caso do bairro desse estudo de caso. A Barra Funda abrigava, naquele momento, não só diversas funções, sendo, ao mesmo tempo, bairro residencial, comercial e industrial, mas também acolhia classes sociais distintas. A ocupação mista do bairro, tendo desde setores bastante pauperizados até os mais altos representantes das elites paulistas, foi uma constante no início da urbanização do bairro, e se manteve com essa característica até as primeiras décadas do século XX. Para entender porque uma cidade que estava construindo uma imagem de capital em processo de ordenação tinha sua expansão urbana em bairros marcados pela falta de especialização espacial e homogeneidade social, procuramos entender os mecanismos do mercado de terras e mercado imobiliário urbano. Nos deparamos com um cenário em que a concentração da propriedade da terra gerou um processo especulativo que propiciou um acentuado déficit habitacional em um período de explosão demográfica na capital. Essa conjuntura favoreceu diversos tipos de negócios urbanos, entre eles destacamos o mercado de aluguéis, que se tornou um ramo de reprodução de capital não apenas para os setores mais ricos, mas também para os setores remediados em São Paulo. A crescente demanda por moradia fazia com que a lucratividade do mercado de aluguéis se expandisse por toda a cidade, sendo um dos fatores que propiciaram a ocupação mista dos novos bairros loteados na expansão urbana de São Paulo. Para investigar esse processo, nos debruçamos no cruzamento de duas fontes principais, os pedidos das Obras Particulares, do Arquivo Histórico de São Paulo, e os auto crimes do Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo, que permitem entender as mudanças nos padrões de moradia e o cotidiano dos habitantes do bairro.

*Barra Funda; mercado de aluguéis; urbanização*

## **Capitalização e promoção habitacional: a inversão dos fundos previdenciários na construção da habitação entre as décadas de 1930 e 1960 na Grande São Paulo**

Camila Ferrari

*Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo  
camila.ferrari@usp.br*

A previdência social brasileira foi entre 1933 e 1964 a grande responsável pela construção da moradia popular estatal. A produção habitacional promovida pelos fundos previdenciários era para os Institutos de Aposentadoria e Pensões uma atividade com retorno financeiro garantido, enquanto para os trabalhadores era a garantia de um direito social. As tipologias modernas do conjunto de múltiplos edifícios de apartamentos e do edifício isolado verticalizado (como unidade de habitação) se apresentavam como solução porque garantiam maior produtividade. A construção de grandes conjuntos habitacionais representava assim um novo enquadramento do Estado brasileiro frente à industrialização, ao desenvolvimento urbano e social e às condições de vida dos trabalhadores, uma vez que se propunha promover habitação, incentivar a construção, estimular a indústria e, ao mesmo tempo, capitalizar recursos. Em São Paulo parte dos projetos habitacionais foi construída em regiões já consolidadas ou parcialmente ocupadas, enquanto a outros couberam ocupações quase que pioneiras em áreas de expansão urbana. Contudo, é possível considerar que o ideário moderno, segundo o qual se procurava cumprir a função social da arquitetura através do alojamento, não é plenamente implementado em São Paulo, onde desde finais do século XIX a especulação imobiliária foi a grande responsável pelos rumos da urbanização. Este trabalho se propõe a desenvolver o debate em torno da inversão dos fundos previdenciários no setor imobiliário, buscando neste contexto ampliar o debate sobre a localização da moradia no espaço urbano paulistano e a escolha das tipologias habitacionais, bem como sobre o papel dos arquitetos e urbanistas na construção de conjuntos residenciais.

*previdência social; habitação; São Paulo*

## Ideários e práticas participativas na produção da cidade e da habitação no Brasil: entre o idealismo e a normatividade, uma herança do século XX?

Magaly Marques Pulhez

*Centro de Estudos da Metrópole*

Thaís Rosa

*Faculdade de Arquitetura | Universidade Federal da Bahia  
magamarquespulhez@gmail.com; thaisrosa@yahoo.com*

A atenção aos processos empíricos de produção da cidade, o reconhecimento do lugar singularmente assumido pelos diferentes agentes aí envolvidos e suas interações constituíram-se, ao longo do século XX, como matéria base para a ressignificação de ideias e práticas formalizadas de intervenção no espaço urbano, afetando consideravelmente o campo profissional de arquitetos e urbanistas, que se permitiram rever o estatuto de seu próprio ofício ao questionar dogmas enraizados nas conceituações modernas construídas sobre a cidade e a habitação, e também na condição centralizadora da atividade projetual. Práticas diversas de participação passaram a ser testadas como alternativa à lógica universalista preconizada pela arquitetura e o urbanismo modernos: sobretudo entre as décadas de 1950 e 80, toda uma geração de profissionais foi formada a partir da abertura a novos temas e propósitos, como as formas vernaculares de organização e os saberes populares, as vivências e experiências cotidianas. Nesse processo de reconhecimento, o arquiteto e o urbanista deslocavam-se, necessariamente, de seu posto demiúrgico, para buscar o lugar do diálogo, redimensionando o status da concepção projetual, agora percebida como prática compartilhada – e certamente também como instrumento político, aliado às lutas urbanas pela democratização do acesso à cidade e à moradia digna. A partir de uma aproximação caleidoscópica a alguns dos contra-discursos que emergem, nesse contexto, em âmbito internacional, este artigo propõe rastrear pontos de inflexão da constituição dos ideários e práticas participativas da cidade e da habitação no Brasil, revisando de forma panorâmica seu desenrolar histórico, desde que começam a desenhar-se como concepções e experiências idealizadas de aproximação ao universo popular, até sua recente institucionalização, convertendo-se em normativas programáticas. Para tanto, propomos cruzar tendências e experiências pontuais, de modo que seja possível registrar o dinamismo do adensamento e da circulação de ideias e práticas que animou o percurso geracional destes profissionais, com suas apostas, e limitações. E desde aí, apontar um debate possível para futuras agendas de pesquisa: qual a fortuna crítica decorrente de tais processos para as práticas de participação que ainda hoje nelas se ancoram?

*participação; habitação; prática profissional*

## **Agache no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1940. Contribuições profissionais e manifestações na imprensa local**

Milena Sampaio da Costa; Marlice Nazareth Soares Azevedo  
*Escola de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade Federal Fluminense*  
*sampaio\_milena@yahoo.com.br; marliceazevedo@globocom*

O presente artigo propõe-se a resgatar os dois momentos em que Alfred Agache residiu no Rio de Janeiro, no final da década de 1920, quando elaborou o plano de remodelação da cidade, e, no início da década de 1940, quando realizou estudos para outras cidades brasileiras e associou-se ao escritório dos irmãos Coimbra Bueno no desenvolvimento de projetos para algumas cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, busca-se, em primeiro lugar, analisar o contexto histórico, político e social que resultou em pressões por parte da elite e dos políticos brasileiros para contratação de Agache para elaboração do plano de remodelação do Rio no final da década de 1920; e, em segundo lugar, nos dois momentos de sua permanência na cidade, refletir sobre suas contribuições profissionais para a ascensão do urbanismo e o reconhecimento das ações de planejamento urbano no Brasil. Em relação ao primeiro momento, defende-se a ideia de que, num período de forte influência da cultura francesa na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à nascente ciência do urbanismo, diversos fatores convergiram para a decisão de contratar o urbanista francês, tais como: as necessidades de melhoria urbana da cidade; a divulgação, no meio político, da expertise francesa em termos de urbanismo e a cogitação de nomes de profissionais europeus de reputação internacionalmente reconhecida pelos trabalhos desenvolvidos. Em relação aos dois momentos, algumas curiosidades são reveladas na pesquisa historiográfica, como: local de trabalho, local de moradia, participação nos eventos da cidade e envolvimento nos debates profissionais de temas relacionados ao urbanismo no país. Muitos jornais e revistas da época expressam as repercussões dos trabalhos e entrevistas do urbanista, além da opinião pública e do cenário político e social carioca. Dessa forma, além do caráter investigativo em resgatar os interesses na elaboração do plano e as motivações para contratação de Agache no final da década de 1920, pretende-se explorar a repercussão de seu trabalho na imprensa local e sua contribuição nos debates sobre urbanismo e na conscientização da sociedade sobre os temas relativos à cidade.

*Agache; urbanismo no Rio de Janeiro; imprensa carioca*

## O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima

45

Anamaria Diniz  
CAU - Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
anadinizarq@gmail.com

Apresenta-se a trajetória pioneira do arquiteto-urbanista Attilio Corrêa através das correspondências trocadas com seu pai, o escultor José Octávio Corrêa Lima, durante o período (1927 a 1931) em que foi pensionista da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em Paris. O cotidiano relatado nas cartas destaca as dificuldades econômicas pós-Primeira Guerra, a crise habitacional, os contrastes culturais, as trocas de conhecimento, o contato com a arquitetura moderna e a rede de sociabilidade que o arquiteto construiu e manteve. Nas correspondências há referências sobre as aulas de urbanismo na Sorbonne, o curso de Sanitarismo realizado no Institut de Techniques Sanitaire du Conservatoire National de Arts et Metiers de Paris e as lições de concreto armado com o arquiteto construtivista Berthold Lubetkin. Corrêa Lima descreveu detalhadamente a valiosa colaboração de seus colegas ao plano para o Rio de Janeiro elaborado por Alfred Agache, defendendo o campo de trabalho que parecia ser promissor, assegurando a capacidade dos brasileiros. No seu relato, e ao pesquisar o Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento para a cidade do Rio de Janeiro, percebe-se que a contribuição dos brasileiros foi significativa e extensa, com informações preciosas e específicas que somente profissionais “da terra” eram aptos para desenvolvê-las. O ensino ministrado pelo l’Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris é objeto de cuidadosa apresentação. A partir do percurso do arquiteto foi possível recuperar os debates e as tensões que caracterizaram o urbanismo no seu nascimento. Entre o higienismo do século XIX e a cidade-parque do século XX, Attilio C. Lima planejou cidades como Goiânia, Volta Redonda e inaugurou o ensino do urbanismo na ENBA.

*Attilio Corrêa Lima; urbanismo; arquitetura moderna*

## O urbanismo aplicado do mestre Gaston Bardet: conferências, cursos e instituições

Virgínia Pontual  
Universidade Federal de Pernambuco  
virginiapontual@gmail.com

O presente artigo trata da contribuição de Gaston Bardet para o ensino e a difusão do urbanismo. Estudos historiográficos o colocam como um teórico do urbanismo francês, sendo inquestionável sua produção literária, principalmente entre os anos 1930 e 1940. Tece os fios da sua trajetória como professor de urbanismo na América Latina, em especial, no Brasil, no Uruguai, na Argentina, no Chile, no Peru e na Venezuela, priorizando as conferências e os cursos de urbanismo aplicado. Esta noção era propagada como aquela que tinha como objeto de intervenção grandes composições urbanísticas, exigia conhecimento teórico e, principalmente, o exercício de projetar era realizado com foco em caso concreto, orientado pela escala do homem. Para Jean-Louis Cohen (1989), Bardet, em sua trajetória profissional, teria sido extremamente crítico, o que resultou em se tornar um urbanista marginalizado, dando a entender que, em face da não obtenção de trabalhos na França, ele procurou alternativas. A essa interpretação junta-se outra que não se opõe, mas que acrescenta como suposição que, pelo menos na América do Sul, o convite a Bardet reportava-se à sua incansável busca de divulgação do urbanismo, que associava o território, a construção da cidade e o homem, e que esse entendimento teve receptividade e acolhida para além das redes religiosas. A atuação de Bardet como professor e divulgador de ideias sobre urbanismo iniciou-se no Institut d'Urbanisme da Universidade de Paris (IUUP), em 1937. Esse instituto foi herdeiro de uma das mais longas tradições de ensino de urbanismo na França, tendo como fundadores Marcel Poëte e Henri Sellier. Essa tradição se inscreve num contexto institucional e intelectual do início do século XX, momento em que emergiram na Europa um conjunto de ideias e práticas relativas à organização urbana. O ensino veio a se constituir como um modo de formar quadros para dar conta das exigências postas, inclusive pela Lei Cornudet de 1919, instrumento legal voltado à elaboração de planos urbanísticos de melhoramentos, embelezamento e extensão de cidades.

*Gaston Bardet; América Latina; urbanismo aplicado*

Juan Cuervo  
*Universidad Pontificia Bolivariana*  
*Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo*  
*juan.cuervoc@gmail.com*

La planificación urbana latinoamericana durante las décadas de 1930 y 1940 requirió de un conocimiento especializado, ausente en muchas de las principales ciudades; Medellín (Colombia) no fue la excepción. Las condiciones políticas y económicas de orden mundial crearon un ambiente favorable para la llegada de expertos consultores extranjeros portadores de las ideas del urbanismo moderno, para nuestro caso de estudio, el primer urbanista de talla internacional fue Karl Brunner, quien realizó importantes proyectos en diversas ciudades colombianas. Aunque su trabajo se concentra principalmente en Bogotá, Brunner formalizó dos visitas a Medellín en un momento de desarrollo determinante para la ciudad. Este trabajo, por lo tanto, se concentra en presentar los dos momentos en los que Brunner visitó la ciudad de Medellín. La primera, para realizar una asesoría de carácter privado a la Universidad Católica Bolivariana, institución que pretendió un ambicioso proyecto urbano para ampliar su sede universitaria; más que una mirada puntual, Brunner supo vincular esta iniciativa a todo un proyecto de ciudad impactando contundentemente el pensamiento profesional de la época. La segunda visita, ya de carácter institucional, se concentró en asesorar la Alcaldía Municipal para el proyecto “Medellín Futuro”, propuesta urbana que pretendía dar cierto orden al desarrollo urbano de la ciudad, así como prever el crecimiento futuro de la misma. Aunque fue una visita corta para conocer de fondo las realidades urbanas y los problemas de Medellín, supo comprender sus realidades para lanzar alternativas de movilidad urbana, edificación, zonificación de la ciudad y las obras que debía emprender la Municipalidad para dar lineamientos dirigidos a su planeamiento futuro. Aunque dicho proyecto urbano no se consolidó, la intervención de Brunner fue fundamental para los posteriores avances en torno a la planificación urbana de Medellín.

## **Registros em revista: melhoramento, ciência urbanística e metrópole**

Mirandulina Azevedo

*Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade Metodista de Piracicaba*

*mira.m.azevedo@gmail.com*

A conversão da cidade em metrópole anunciada por Simmel em “Metrópole e Vida Mental” é também o momento em que as relações sociais em seu conjunto seguem a racionalização das relações de produção. O termo melhoramento tornou-se estratégico nas reformas urbanísticas suscitadas pelas transformações em curso. Em São Paulo, no início do século 20, a questão adquire notoriedade com os planos de melhoramentos. Registrados pela Revista de Engenharia o plano de avenidas, a proposta Freire-Guilhem, o plano Samuel das Neves e a proposta de Bouvard documentaram o intenso debate da época. Revisitar esses planos nos permite compreender a complexa e subjacente relação entre melhorar e lucrar com algo de modo que, necessariamente, articulavam-se propostas urbanísticas e interesses privados. As dificuldades enfrentadas pela cidade de São Paulo na realização de melhoramentos decorriam, segundo Victor Freire, não só do desconhecimento das novas metodologias da disciplina urbanística mas também de uma legislação imprecisa e inadequada que projetava no futuro embaraços ainda maiores.

# **A ideia de centro no ideário urbanístico paulistano na década de 50: a geografia urbana e a SAGMACS**

Andréa Tourinho  
*Faculdade de Letras, Artes, Comunicação e Ciências da Educação*  
*Universidade São Judas Tadeu*  
*drea.tourinho@ig.com.br*

Este trabalho aborda a ideia de centro no ideário urbanístico paulistano na década de 1950, na visão de dois estudos importantes então realizados com distintos enfoques: o da Geografia Urbana, por meio do trabalho sobre o centro de São Paulo da geógrafa Nice Lecocq-Müller, e a perspectiva multidisciplinar da Sagemacs. A década de 1950 é um momento particularmente importante na consolidação de diversos saberes que vinham se constituindo sobre a cidade de São Paulo. Enquanto os engenheiros-arquitetos e os arquitetos estavam empenhados na discussão e construção do zoneamento e do plano diretor em São Paulo, outras disciplinas passavam a se debruçar sobre a temática urbana, sobretudo a Geografia Urbana que representou, então, o primeiro esforço de produção de um conhecimento sistematizado sobre a cidade. Junto aos estudos dos geógrafos, o trabalho da equipe interdisciplinar Sagemacs sobre a aglomeração paulistana, a partir da aplicação de conceitos da sociologia ao estudo urbanístico, introduz métodos de pesquisa até então inéditos no urbanismo paulistano, tal como a pesquisa de campo. Este trabalho apresenta as noções de centro em ambos enfoques - o centro como nó, na Geografia Urbana, e o centro como polo, nos estudos da Sagemacs -, suas implicações e matrizes conceituais, fazendo parte de uma pesquisa mais ampla sobre o conceito de centro e sua abordagem por distintas disciplinas. Busca entender como os diferentes enfoques contribuíram para as noções de centro, por nós herdadas no presente, e o tratamento dessa parte da cidade nos estudos urbanos, considerando a importância de se compreender as rupturas e continuidades do pensamento sobre o centro no discurso urbanístico.

## **Pré-figuração e materialidade de uma metrópole industrializada: São Paulo (1960)**

Raíssa P. C. de Oliveira

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo  
raisamarela@yahoo.com.br*

Este trabalho trata de reconstruir a história da implantação de um centro de exposições em São Paulo na década de 1960 evidenciando alguns padrões de intenção considerados relevantes para o entendimento da capital paulista como pré-figuração e como materialidade de uma metrópole industrial. Não se trata de um plano urbanístico e nem se configura, num primeiro momento, como um projeto de infraestrutura ou equipamento urbano. Também não se inicia a partir de um meio institucional direcionado às intervenções urbanas. Trata-se apenas de uma encomenda particular. Dessa maneira, o texto aborda em primeiro lugar o entendimento da necessidade desse objeto técnico destinado às exposições dentro de uma visão ampliada da historiografia da arquitetura moderna. Em seguida o texto aborda o objeto relacionando diversas dimensões que constituem meios para entender as relações estabelecidas entre engenharia, arquitetura e urbanismo. Portanto a escolha do objeto permite analisar três níveis de produção que pareciam frequentemente desconectadas da produção historiográfica de arquitetura: a relação entre as encomendas e os discursos a respeito das obras; a imbricação entre programas arquitetônicos e a produção intelectual e material da cidade; as dimensões técnicas e produtivas da obra, no caso explicitadas pela superposição entre a industrialização da estrutura metálica, a pré-fabricação do concreto e a adoção de novas tecnologias do concreto armado executado in loco. O Parque Anhembi (1963-1972), eleito aqui para a análise, é relativamente desconhecido e distante das referências dominantes entre os arquitetos, mas ele permite analisar diversas histórias que se relacionam e que se fazem entender apenas dentro da sua dimensão urbana.

*pluricentrismo; centro de exposições; parque Anhembi*

## Debates do pós-guerra: arquitetura, sociedade e política em São Paulo

Rodrigo Kamimura

*Escola de Belas Artes / Universidade Federal do Rio de Janeiro*  
*rodrigokamimura@yahoo.com.br*

Este artigo aborda o contexto do segundo pós-guerra brasileiro, período de prosperidade econômica e construção de instituições democráticas – com o fim do Estado Novo. Para tanto, realizamos uma breve explanação sobre a pauta artística, econômica e política no período, com o início da Guerra Fria. Logo após, perpassamos o debate sobre o Nacionalismo, que impulsiona fortemente as manifestações intelectuais em fins dos anos 1940 e início dos 1950. Em seguida, fazemos uma incursão sobre as polêmicas envolvendo as críticas realizadas pelo suíço Max Bill à arquitetura brasileira. Por último, retomamos a pauta do Nacionalismo e da identidade cultura brasileira em suas relações com a arquitetura, no emblemático Congresso Brasileiro de Arquitetos de 1954, realizado em São Paulo e em pleno momento de comemoração do 4º centenário daquela cidade. Estes momentos são de grande importância para a construção de uma agenda de debates que irá informar substancialmente a disciplina e a profissão arquitetônicas em pleno processo de urbanização e modernização do país e de suas cidades.

## **O ideário moderno nas praças ajardinadas projetadas por Rosalvo Ribeiro em Maceió durante a gestão Malta (1900-1912)**

Tharcila M. S. Leão; Josemary O. P. Ferrare  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade Federal de Alagoas*  
*tharcila.leao@hotmail.com; josy.ferrare@gmail.com*

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por um surto progressista na cidade de Maceió que tinha como um dos principais objetivos dotar a cidade de um aspecto mais moderno e próspero, aos moldes do que já ocorria nas grandes cidades européias, especialmente Paris, e em capitais do Brasil. A tentativa de mudar o aspecto provinciano da cidade, afastando-a cada vez mais de seu passado colonial, elegeu as praças e espaços públicos como elementos chave dessa mudança, especialmente após a proclamação da República, que tomou a cidade como símbolo do ideário republicano para ser civilizada e modernizada, através de reformas que a distanciassem do passado colonial. No caso da cidade de Maceió, foi durante a gestão da família Malta, entre 1900 e 1912, que as transformações urbanas sob intuito modernizador ocorreram com maior ênfase, especialmente nas praças e espaços públicos, que foram “embelezados” à moda eclética e reformados dotando a cidade de ares mais modernos. Com esse objetivo, foi contratado o artista plástico Rosalvo Ribeiro, alagoano recém- chegado de uma temporada em Paris, para elaborar projetos para as principais praças da cidade: Praça Wanderley de Mendonça. Praça dos Martírios e Praça Deodoro. O presente artigo busca discutir o ideário moderno que norteou essas propostas nas praças que foram remodeladas durante a gestão Malta, principalmente as que receberam projeto de Rosalvo Ribeiro. A partir da análise conjunta de cartões postais, relatórios dos Intendentes e demais documentos primários, buscar-se-á fazer emergir a ação do artista Rosalvo Ribeiro na modernização da cidade e, decorrentemente, ampliar o conhecimento acerca de sua obra.

# O Plano Geral de Viação, de 1913: uma política pública de estado que orientou o desenvolvimento e a urbanização do Rio Grande do Sul

Luís Francisco Da Silva Vargas; Maria Soares de Almeida  
*PROPUR - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul*  
*luischico@cpovo.net; maria.sdealmeida@gmail.com*

Nas três primeiras décadas do século XX, durante a Primeira República brasileira, o Estado do Rio Grande do Sul passava por grandes obras. A construção e abertura de estradas, ferrovias e canais fluviais estavam aliadas ao plano de colonização das terras situadas ao norte do estado e ao aumento populacional que, conjuntamente, com as obras de saneamento fizeram com que o poder público estadual se confrontasse com uma nova realidade - a da organização urbana. Tudo isto estava dentro de uma conjuntura nacional e mundial em que se constituíram no imaginário social as ideias modernizantes e de vanguarda, que também se refletem nas grandes obras de infraestrutura da época. Dentro deste contexto, o Governo do Estado através da Secretaria das Obras Públicas (SOP), desenvolveu, fiscalizou, coordenou e executou projetos, planos, legislações, obras de infraestrutura e intervenções urbanas e regionais, que passa a ser, na época, sinônimo de urbanização e modernidade. Este estudo esta referenciado pelos Relatórios anuais da SOP, das primeiras três décadas do século XX. Neste período novas cidades coloniais foram construídas, além do projeto para a nova “cidade das águas” de Iraí. Novas acepções e termos começam a ser empregados como a terminologia “urbanismo”, que é utilizada pela primeira vez nos dois volumes, dos Relatórios de 1927, para designar as obras de saneamento urbano da capital: “Saneamento e Urbanismo de Porto Alegre”. Também são feitas referências a urbanistas como Saturnino de Brito e Camilo Sitte. Este artigo trata do surgimento do urbanismo e do planejamento urbano e regional moderno gaúcho, no século XX, que se materializou através do Plano Geral de Viação, de 1913.

*evolução urbana no Rio Grande do Sul; história do urbanismo no Rio Grande do Sul; história do planejamento urbano e regional no Rio Grande do Sul*

## A transformação do bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949)

Fernando Diniz Moreira  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*fernando.diniz.moreira@gmail.com*

A cidade de Recife tornou-se um campo privilegiado de experimentação para as novas ideias de Urbanismo, atraindo o interesse dos planejadores urbanos mais importantes em todo o país. O debate local incluiu uma série de propostas, estudos, sugestões publicados nas revistas e jornais locais e nacionais. O debate foi centrado em torno da transformação do Bairro de Santo Antonio, centro administrativo e comercial da cidade, o qual resultou em uma proposta que incluía grandes demolições. Restrições financeiras impediram mais expropriações e o projeto foi reduzido a uma única avenida grande e seus blocos vizinhos de edifícios. A nova avenida foi uma intervenção brutal no distrito, destruindo dezoito quarteirões da cidade. A partir de uma grande praça frente para o rio, a avenida inicia com 60 metros de largura, diminui para 40 metros no meio finalizando com 30 metros ao chegar à Praça Independência, no centro do bairro. A nova avenida, mais tarde chamada Guararapes, destinava-se a modernizar o centro velho, transformando-o num conjunto monumental. A verticalidade, densidade e concentração do conjunto ecoou o centro de negócios proposto por Alfred Agache para o Rio. Na perspectiva apresentada com o plano, percebe-se a sugestão de velocidade e fluidez, como linhas e cornijas dos prédios convergindo para o ponto de fuga. Os edifícios não foram construídos para serem admirados individualmente mas para compor um cenário cuidadosamente desenhado. A legislação determinou o alinhamento das fachadas, a unidade volumétrica de blocos e a concordância de alturas e motivos arquitetônicos. O novo desenho urbano comunica uma imagem intensa de poder e disciplina através da sua massa de arquitetura, escala monumental e vastos espaços abertos. Foi claramente destinado a expressar o corporativismo, o controle social e intervencionismo regulador do Estado Novo. Este artigo analisa o processo de construção da avenida, seus precedentes, os conflitos entre os desejos dos clientes, burocratas e arquitetos em busca de um bairro moderno.

*reforma urbana; urbanismo moderno; arquitetura moderna*

# Contribuições da Escola de Engenharia de Porto Alegre para a formação do campo profissional do urbanismo (1896-1930)

Inês Martina Lersch

*PROPUR - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul  
martina.lersch@ufrgs.br*

O objetivo principal deste artigo é discutir o papel da Escola de Engenharia de Porto Alegre, entre os anos de 1896 e 1930, para a formação do campo profissional do urbanismo. Além disso, o trabalho tem como viés analisar a Escola como um canal para a introdução das ideias sobre a construção de cidades, segundo o urbanismo difundido na Alemanha, a partir de meados do século XIX. Em primeiro plano, o estudo adota a Escola e seus engenheiros como meio de conduzir uma narrativa histórica, analisando as correlações da Escola, tanto com a presença teuta na cidade de Porto Alegre e no ambiente de ensino, quanto com as questões urbanas. Entre os principais aspectos, verifica-se a ênfase dada à relação entre a teoria e a prática, por meio, por exemplo, da criação de um escritório técnico e das viagens de estudo. Além disso, observa-se a preocupação da escola em estar em contato com o que havia de mais atualizado, por meio, por exemplo, das viagens comissionadas à Europa e aos EUA, a contratação de professores no exterior, bem como as oportunidades de estudo no exterior de vários alunos. Em segundo plano, o estudo identificou personagens que, por um lado, criaram vínculos com a Escola de Engenharia, e, por outro, tiveram contato com o ideário germânico, e analisou as contribuições destes personagens com a difusão deste ideário em Porto Alegre. Este artigo pretende, por fim, trazer respostas aos questionamentos levantados em artigo análogo apresentado no SHCU de 2010, sobre as possíveis ressonâncias do ideário germânico na formação do pensamento urbanístico em Porto Alegre, no início do século XX.



cultura técnica,  
**forma e**  
**materialidade**  
da cidade

## **Estuário do rio Macaé: o papel das obras hidráulicas na configuração do espaço urbano**

João Lemos Cordeiro Sayd; Ana Lúcia Nogueira de Paiva Britto  
*PROURB - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*  
*joaosayd@gmail.com; anabrittoster@gmail.com*

O artigo investiga o papel dos corpos hídricos e das obras hidráulicas, em especial aterros e canalizações, para a configuração espacial da cidade de Macaé, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Interessam especificamente as transformações empreendidas na região do estuário do Rio Macaé. O período histórico tratado abrange desde a fundação da vila, às margens do Rio Macaé, em 1837, aos processos de urbanização recentes, marcados pelo avanço da cidade sobre o estuário. O método adotado consiste em investigar as sucessivas obras de transformação do estuário, suas causas e consequências, bem como analisar criticamente as atuais políticas municipais relativas à ocupação e ao uso do solo na região. A análise das diversas soluções técnicas de drenagem adotadas no local ao longo do tempo, marcada por transformações radicais dos corpos hídricos, revela uma continuidade do pensamento funcionalista, baseado na noção da natureza como uma fonte de recursos a ser explorada pelo homem, e sanitarista, segundo o qual as obras hidráulicas são fundamentais para a melhoria da salubridade pública. Ao longo do artigo, observa-se que os modos como os saberes técnicos promulgam que sejam tratados os corpos d'água no meio urbano incidem diretamente sobre a configuração do espaço. Pode-se afirmar que as políticas do poder público municipal de Macaé, relacionadas aos processos de expansão urbana, se mantêm dentro da lógica funcionalista, historicamente estruturada no século XIX, estando, portanto, em descompasso com as políticas implementadas nas cidades e países centrais, onde os corpos hídricos passam a ser tratados, cada vez mais, sob novas e múltiplas perspectivas, buscando uma revalorização dos seus papéis socioambientais.

## **História de três cidades: Madri, Bilbao, Natal: as infraestruturas de transporte e o espaço urbano e regional (1875-1936)**

Gabriel Leopoldino P. de Medeiros

*PPGAU – Centro de Tecnologia*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

Pedro Novo López; Nuria Rodríguez Martín

*Universidad del País Vasco*

*gabrieelleopoldino12@gmail.com; pedro.novo@ehu.es; nurirod@yahoo.com*

As redes de transporte público e privado são fatores decisivos na extensão e crescimento das cidades modernas e igualmente influem em sua morfologia e no desenvolvimento urbano. Dessa forma, as infraestruturas e os equipamentos de transporte disponíveis afetam a organização das atividades econômicas e sociais das urbes. Este texto, que tem por objetivo apresentar um trabalho conjunto de investigação, adotando uma perspectiva histórica e comparada, estuda a implantação, desenvolvimento e consolidação dos transportes urbanos nas cidades de Bilbao, Madri (Espanha) e Natal (Brasil), entre meados do S.XIX e primeiro terço do XX. Analisamos, em primeiro lugar, as características e especificidades de cada uma das três cidades, vinculadas às distintas funções políticas e econômico-administrativas delas, assim como sua morfologia própria. Concomitantemente, abordamos as diferenças de escala, de tempo e de ritmo em que se desenvolvem. Finalmente, oferecemos alguns dos elementos que servirão de reflexão comparada a futuros estudos, como por exemplo, as transferências tecnológicas no campo dos transportes urbanos e as diferenças entre a implantação da ferrovia e do bonde em relação ao seu impacto no espaço urbano das três cidades. Planeja-se também a análise e comparação do grau de socialização dos bondes, a partir do exame das vantagens que ofereceu frente à ferrovia para a mobilidade em seu interior. Interessa-nos igualmente a questão de como as ferrovias, que no momento de sua implantação foram um elemento de modernidade e desenvolvimento, a partir dos anos 1930 se convertem em um fator que dificulta a expansão urbana.

*transporte urbano; linhas de bonde; ferrovias; trens; metrô; crescimento urbano*

## **Infraestrutura e modernização urbana: os impactos do porto, ferrovia e aeroporto em Natal e Dakar**

Rubenilson Teixeira  
*CAU - Centro de Tecnologia*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
*rubenilson.teixeira@gmail.com*

As cidades do Natal, capital do Rio Grande do Norte, e Dakar, capital do Senegal, na África Ocidental, mantiveram relações históricas de grande relevância e que ainda são pouco estudadas. O presente artigo é uma pequena parte de um trabalho bem mais amplo e inédito, que objetiva aproximá-las comparativamente num longo período histórico que se estende do século XVI à primeira metade do XX. Neste artigo, analisamos especificamente o processo de modernização pelo qual ambas cidades passaram e que foi em grande parte calcado nos papéis exercidos pelo porto, ferrovia e hidrobases/aeródromo, entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. A intenção, como em todo o trabalho do qual este artigo é parte integrante, é buscar semelhanças no processo de modernização verificado nas duas cidades a partir das referidas instalações. Apesar das diferenças evidentes entre as duas cidades sob os mais variados ângulos de análise (históricos, políticos, culturais, econômicos, culturais e outros), há efetivamente semelhanças nos processos de modernização aqui analisados.

# **A atuação do setor privado nos sistemas de abastecimento de água em Maringá-PR: conflitos e repercussão na estruturação do território**

*Leonardo Cassimiro Barbosa  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo | Universidade de São Paulo  
Universidade Estadual de Maringá  
leonardo.cb@gmail.com*

Fruto de um plano de colonização regional da porção Norte do Paraná, Maringá destacou-se por sua função de polo regional e pela modernidade de seu plano urbanístico. Implantada em 1947, a ocupação do município ocorreu de forma vertiginosa nas primeiras décadas, situação esta agravada pela política da companhia colonizadora que, visando o lucro do empreendimento, limitava-se a traçar os arruamentos e a dividir os lotes, deixando as demais infraestruturas a cargo das incipientes municipalidades que emergiam. Assim, o acesso à água nos primeiros anos foram marcados pela necessidade de adoção de soluções individuais onde cada lote apresentava um poço raso e uma fossa o que, com a crescente concentração de fossas na urbe, levou à uma crise de acesso à água na década de 1960, devido à contaminação do lençol freático. Com a municipalidade não conseguindo viabilizar o sistema de abastecimento de água, a iniciativa privada enxergou a oportunidade de atuação no município, conformando empresas que exploravam de diferentes formas a distribuição de água advindas de poços semi-artesianos, que se apresentava como a melhor alternativa para o consumo de água potável à época. Dessa forma, este artigo tem por objetivo analisar a atuação de empresas privadas na exploração do abastecimento de água na cidade de Maringá ao longo da década de 1960 e início de 1970, evidenciando os agentes atuantes e a repercussão no território de suas ações, bem como o embate com o poder municipal para a exploração dos serviços. Verificou-se que a atuação privada concentrou-se principalmente nas áreas de maior interesse econômico da cidade, conformando redes particulares isoladas que não apresentavam uma visão global para o abastecimento da cidade. Ainda que não tenha se mostrado completamente alheio à esta problemática, o poder público falhou ao não propiciar alternativas à população de menor renda, que não tinha acesso aos poços semi-artesianos. A implantação da rede de abastecimento municipal, marca o processo de decadência dos poços e redes privadas, com o poder público requerendo para si o monopólio dos sistemas, num embate conflituoso com a iniciativa privada.

*redes técnicas sanitárias; iniciativa privada; infraestrutura urbana*

## As duas atlântidas e a constituição dos balneários no litoral gaúcho

Ana Luiza Valle Oliveira

*PROPAR - Faculdade de Arquitetura*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

*Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

*analuiza.1256@gmail.com*

O processo de urbanização do litoral do Rio Grande do Sul, cujas características geográficas e climáticas destoam da imagem que tornou as praias tropicais brasileiras conhecidas, se intensificou a partir da implantação de loteamentos privados que visavam atender a procura da população sazonal. As operações que caracterizaram este processo de constituição dos balneários marítimos como local de veraneio vão se concentrar exemplarmente num bem sucedido empreendimento de balneário ex-novo, a Atlântida realizada em 1952. Essa iniciativa foi precedida em treze anos por um anteprojeto de cidade balneária com o mesmo nome, para a mesma região do litoral e tendo como autor o mesmo e reconhecido profissional, o engenheiro Luiz Arthur Ubatuba de Faria. A Atlântida perdida, que não se concretiza, é idealizada pouco antes de o governo estadual assumir seu papel de organizar, regulamentar e fiscalizar os loteamentos para segunda residência, criando o Departamento de Balneários Marítimos. Muitas vezes confundidas na bibliografia disponível, a história peculiar das duas Atlântidas, a perdida de 1939 e a realizada de 1952, é recuperada neste artigo com o objetivo de contribuir para o conhecimento e a compreensão do processo de urbanização e da produção arquitetônica nos locais de veraneio do litoral norte gaúcho. Ambos os projetos estão intimamente vinculados à história da afirmação das disciplinas do urbanismo (final dos 30) e da arquitetura (início dos 50) no sul do país, respectivamente, relação esta que este trabalho também se propõe a apontar. Faz parte de uma pesquisa maior realizada como dissertação de Mestrado, a qual teve como questão final avaliar qual o papel da arquitetura moderna, inseparável da solução urbanística, na configuração daquelas cidades de veraneio.

# **A expansão urbana de Maringá concomitante à implantação do plano de Jorge de Macedo Vieira**

Layane Nunes

*Instituto de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade de São Paulo*

*layanenunes.arq@gmail.com*

Maringá é uma cidade planejada por Jorge de Macedo Vieira, a pedido da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP. No mesmo ano que o plano começou a ser implantado se iniciava o processo de expansão urbana. Este artigo aborda como ocorreu o processo de expansão urbana de Maringá, fora dos limites do plano de Vieira, concomitante à implantação da área planejada, entre 1945 e 1952. O recorte temporal abrange, pois, o período em que o processo de expansão urbana ocorreu concomitante à implantação do plano de Vieira, 1945 foi o ano que esses processos foram iniciados, e em 1952 ocorreu a implantação da última área do plano, e, ao mesmo tempo, a cidade foi emancipada. A partir das fontes documentais e bibliográficas pesquisadas, foi possível desvendar os agentes envolvidos no processo de expansão, os padrões de ocupação dos loteamentos implantados, fora do plano, e suas relações com os padrões de ocupação estabelecidos por Vieira para a área planejada, além dos sentidos e razões deste processo. Com base nesses dados, verificou-se que três grupos de agentes atuaram no processo de expansão urbana de Maringá, no período citado, com destaque para a atuação da CTNP e de seus funcionários do alto escalão que, juntos, implantaram a maior porção de área fora dos limites do plano. Conclui-se que a CTNP tanto incentivou como participou do processo de expansão, enquanto agia na implantação da área planejada por Vieira. As ações da empresa, dentro deste processo, resultaram na descaracterização do plano geral de colonização, por ela elaborado, e do plano de Vieira, uma vez que seus loteamentos, implantados fora do plano, ocuparam a área destinada ao cinturão verde.

## **Além do Plano: a construção das cidades-satélites e a dinâmica centro-periferia em Brasília**

Maria Fernanda Derntl  
*PPG - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de Brasília  
mariafernanda\_d@yahoo.com.br*

Muito se sabe sobre o core planejado de Brasília, o Plano Piloto, mas as suas cidades-satélites permanecem bem menos estudadas. Numa visão corrente, contrapõe-se a ordem do Plano Piloto à desordem das cidades-satélites, vendo-se tais núcleos periféricos como o principal fator de descaracterização da concepção original de Brasília. Este trabalho indaga como a capital modernista inaugurada em 1960 e considerada uma das mais importantes experiências urbanísticas do século 20 teria concebido a ocupação de seu entorno. Para isso, textos e imagens de diversas naturezas pertinentes à primeira década de construção da capital são revisitados, buscando-se identificar o modo como aqueles núcleos foram abordados e incorporados ao discurso oficial. Na escala do território, a análise situa a construção das cidades-satélites em relação com outras iniciativas de apoio à construção de Brasília. Na escala urbana, o trabalho revela planos ainda pouco conhecidos de cidades-satélites em fins dos anos 50 e meados dos anos 60. Também mostra a participação de um grupo mais amplo de arquitetos e planejadores do que os protagonistas já conhecidos. Analisa-se a configuração das cidades-satélites, apontando-se as afinidades com os paradigmas adotados no Plano Piloto e procurando-se situá-los num certo ideário de planejamento. Ao longo do trabalho, sobressai a atuação dos chamados candangos na apropriação e construção dos espaços da capital. A análise leva, enfim, a uma reflexão sobre as especificidades da dinâmica centro-periferia em Brasília. Procura-se tratar das cidades-satélites nem tanto como desvio do plano original, mas sobretudo como parte de uma dinâmica articulada na formação de Brasília.

# Das antigas estradas rurais ao rodoviarismo: atlas da evolução urbana do subúrbio carioca

Luiz Paulo Leal de Oliveira  
*PROURB - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
luizpleal@hotmail.com*

Inspirado nos trabalhos de Mauricio Abreu (2010), Eduardo Canabrava Barreiros (1965) e Alberto Ribeiro Lamego (1948), o presente texto apresenta a evolução do Subúrbio Carioca por meio de mapas sucessivos com a configuração dos seus principais eixos viários, apresentados em diferentes cenários históricos, constituindo um atlas histórico. O Atlas, um dos produtos da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado do autor, objetiva registrar o processo de ocupação rural e posterior urbanização do Subúrbio Carioca, especificamente na região a noroeste do centro da cidade do Rio de Janeiro, correspondente à antiga Freguesia de Inhaúma, uma região delimitada naturalmente pelo Maciço da Tijuca, pelas serras do Engenho Novo e da Misericórdia, e pela Baía de Guanabara. O trabalho identifica, classifica e descreve as principais vias de circulação do Subúrbio do Rio de Janeiro, desde a implantação da Cidade Real de São Sebastião, em 1565, até o início do século XXI, reconstruindo cenários que permitem visualizar os processos de formação e consolidação dos diferentes logradouros e bairros. É uma síntese da evolução urbana na região estudada através das vias de circulação, considerando as rotas indígenas pré-históricas e a conquista paulatina do território pelos europeus, com a implantação sucessiva de portos, estradas e equipamentos produtivos. Na construção dessa síntese, e na impossibilidade de incluir todas as áreas urbanas do Rio de Janeiro com origem rural, foram considerados os diferentes períodos que caracterizaram a evolução da ocupação territorial na região correspondente, do ponto de vista geomorfológico, à macrobacia dos rios Faria, Timbó e Jacaré. Os produtos desses procedimentos foram organizados de forma a constituir o Atlas por meio de imagens geradas através da base digital cadastral municipal e da base georeferenciada do aplicativo geoespacial Google Earth, o que permite também a utilização online dos resultados alcançados, possibilitando maior interação com o leitor e multiplicando as experiências para melhor compreensão do espaço urbano do Subúrbio Carioca.

*Subúrbio Carioca; Estradas Reais; cartografia histórica; geografia histórica; engenhos; urbanismo; caminhos*

## **Arqueologia da paisagem urbana: SIG histórico e mercado imobiliário. Reconstituição do centro histórico de São Paulo (1809-1942)**

Beatriz Bueno

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade de São Paulo*

*bpsbueno@gmail.com*

Numa intersecção entre a Geografia Histórica (SANTOS, 1978 e 1996; GAUTHIEZ, 2014), a História da Urbanização (REIS, 1999) e a História da Cultura Material (MENESES, 1980 e 1990), a produção social do espaço urbano tem sido objeto de nossas pesquisas, privilegiando séries documentais heterogêneas e conexas pouco exploradas pela historiografia, alinhavadas em perspectiva histórica de longa duração, lote a lote, em plantas cadastrais antigas e atuais. Recuamos no tempo, voltando ao início do século XIX, focalizando aspectos do mercado imobiliário rentista em meio a outros, tais como, variáveis que nos permitam identificar a dinâmica do processo de urbanização (a partir de quando se acelerou) e mudanças nos índices de urbanidade. Sistemas de Informações Geo-históricas (SIGs) permitem reconstituir cenários na longa duração. Os SIG Históricos são fundamentais na espacialização de banco de dados complexos, viabilizando a elaboração de cartografias regressivas e temáticas – quadra a quadra, rua a rua, lote a lote -, cruzando informações textuais e visuais, reconstituindo perfis tanto materiais como sociais nos diversos tempos. Nossas pesquisas se apoiam, particularmente, sobre a planimetria e a volumetria histórica com base em fontes seriais diacrônicas e sincrônicas, dados envolvendo os impostos prediais, as permissões de construção, as atividades descritas em almanaques, a legislação e outras formas de controle, os dados demográficos e a iconografia. De fôlego, essas pesquisas tem se mostrado muito fecundas em termos de novas descobertas de uma dimensão da materialidade do espaço perdida no tempo longo e permitem espacializar o processo, o ritmo e as dinâmicas de transformação da cidade. Nos propomos a demonstrar nossa metodologia e linha teórica que a alicerça, bem como evidenciar epistemologicamente os resultados adquiridos, desenvolvendo novas pistas de pesquisa e contribuindo para uma melhor compreensão dos fenômenos de produção social da cidade do ponto de vista da sua dimensão material. Para inventário e estudo retrospectivo, elegemos um conjunto de 120 edificações remanescentes no Centro Histórico de São Paulo produzidas no âmbito de um efervescente mercado imobiliário rentista vigente até a Lei do Inquilinato (1942) e ainda inexploradas pela historiografia.

*arqueologia da paisagem; mercado imobiliário; história da urbanização*

# **Do porto à cozinha: a construção do gasômetro de São Cristóvão no contexto da modernidade carioca**

Bruno Amadei Machado

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

*bamzin@gmail.com*

Este trabalho tem por objetivo analisar a inauguração do Gasômetro de São Cristóvão (1911) no contexto das reformas urbanísticas ocorridas no início do século XX no Rio de Janeiro, com um foco especial na reforma do Porto. Acolhe-se aqui a afirmação de que o conjunto de intervenções levadas à cabo na cidade naquele período são feitos de um embate político mais amplo, travado entre duas correntes reformadoras da época, fato que a historiografia ora dominante costuma desconsiderar. Durante a gestão do prefeito Pereira Passos (1903-1906), dois ideários distintos de reformulação urbana concorreram na mesma cidade: ações de embelezamento comandadas pela Prefeitura caminharam ao lado do projeto de modernização do Porto do Rio de Janeiro, levado à cabo pelo Governo Federal. Neste panorama, considera-se que a conseqüente inauguração do Gasômetro de São Cristóvão está fortemente vinculada e torna-se possível graças à intervenção a nível federal. Contudo, acredita-se que a separação entre dois pólos não dá conta do fenômeno, uma vez que a empreitada do gás mostrou-se transescalar, atravessando não apenas um, mas muitos projetos relacionados à noção de modernidade: a popularização do uso do gás e a inauguração de sua maior fábrica, o Gasômetro de São Cristóvão, articulam, ao mesmo tempo, distintas vertentes de projeto de cidade, de governo e de sociedade. Esta análise tem como suporte privilegiado a pesquisa em jornais e revistas publicados nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, recorre-se inicialmente a um breve histórico da utilização do gás na iluminação pública da cidade a partir de meados do século XIX, se estendendo até a abertura do Gasômetro de São Cristóvão. Em seguida, discute-se o avanço do fornecimento de gás encanado e suas conseqüências na transformação dos hábitos da classe média urbana, mais precisamente no espaço privado do lar.

*gasômetro; fábrica de gás; gás manufacturado*

## **Desafios para o planejamento financeiro das intervenções públicas: o caso da abertura da avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, DF**

Fernanda Furtado; Vera Rezende  
PPGAU - Escola de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal Fluminense  
*fer.furtado321@gmail.com; vrezende1234@gmail.com*

Este artigo resgata as estratégias institucionais e legais adotadas para garantir os recursos necessários à implantação da Avenida Presidente Vargas, relacionados aos custos das desapropriações de imóveis e da realização das obras. Em 1937, na administração do Prefeito Henrique Dodsworth, a Comissão do Plano da Cidade preparou o Plano de Extensão e Transformação da Cidade, obedecendo a uma planta geral com as indicações dos projetos de melhoramentos e abertura de vias. Uma das radiais principais era a extensão da Avenida do Mangue até o Cais dos Mineiros, junto ao Arsenal de Marinha, nomeada Avenida 10 de Novembro, posteriormente Avenida Presidente Vargas. O projeto, apresentado na XIª Feira Internacional de Amostras em 1938, obteve a aprovação do Presidente Getúlio Vargas e, com isso, a definição do planejamento financeiro para o aporte de recursos antecipados para as desapropriações e obras tornou-se uma das principais questões. A solução encontrada pela administração consistiu na criação das Obrigações Urbanísticas, títulos vinculados aos lotes que resultariam da urbanização da área adjacente à obra, a serem adquiridos por particulares ou dados em caução de financiamentos bancários. O instrumento, concebido para despertar o interesse tanto dos proprietários de imóveis a serem desapropriados, bem como dos capitais interessados em investimentos imobiliários, acabou restrito a servir como garantia de financiamento junto ao Banco do Brasil. O artigo analisa o conjunto de medidas legais que facilitaram ou dificultaram a aplicação das Obrigações Urbanísticas, retomando os debates, à época, sobre instrumentos para a recuperação da valorização dos terrenos após as intervenções públicas.

*obrigações urbanísticas; planejamento financeiro; intervenções públicas; avenida Presidente Vargas*

# Rizkallah Jorge Tahan: atuação profissional e investimentos na cidade de São Paulo (1898-1949)

Renata Geraissati Castro de Almeida  
*Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*  
*Universidade Federal de São Paulo*  
*rgeraissati@gmail.com*

Este artigo pretende abordar as contribuições da atividade profissional desenvolvida por Rizakllah Jorge Tahan na cidade de São Paulo, entre os anos de 1898 a 1949, identificando como esta atuação encontrou consonância com o contexto do período tanto nas questões relacionadas ao sanitarismo e aos paradigmas médicos que propiciaram e alavancaram as vendas dos objetos comercializados na Casa da Boia, uma vez que estes itens passaram a ser uma necessidade em todas as residências, quanto pelas modificações nos comportamentos e hábitos da população que incorporava nas formas de morar o conceito do conforto como um de seus principais objetivos. Portanto, ao reconstruir a trajetória de um expoente imigrante sírio-libanês com ascendência armênia Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949), pretende-se compreender por meio na análise microscópica sua ação para a história das cidades e do urbanismo, identificando sua atividade dentro dos diversos espaços em que frequentou na cidade. Rizkallah Jorge Tahan desembarcou no porto de Santos em 1895, e ao contrário da maioria dos imigrantes desta nacionalidade que se tornavam mascates, Rizkallah Tahan trabalhou com a fundição de cobre, algo que já fazia em sua terra natal. Após três anos na capital paulista inaugurou a Casa da Boia, balcão comercial baseado em vendas de elementos como “a boia sanitária”, – o que permitiu seu enriquecimento e, o conseqüente investimento em uma série de obras nos centros “velho” e “novo” de São Paulo, tornando-o parte da parcela de indivíduos que se tornaram promotores da construção, algo que permite colocá-lo como um proeminente investidor nas “rendas de aluguel”, que se envolveu com diversas atividades, indicando que o imigrante entendia a cidade de São Paulo como um negócio promissor.

*equipamento sanitário; conforto; investimentos*



**representações,  
memória e  
preservação  
da cidade**

## A boemia do bairro Santa Tereza em Belo Horizonte

Maria Letícia Silva Ticle  
*Escola de Arquitetura*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*  
*leticiaticle@gmail.com*

Este artigo é uma versão simplificada e resumida de um dos capítulos da dissertação de mestrado da autora. Propõe uma genealogia da boemia do bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, apresentando também uma breve revisão bibliográfica da própria noção de boemia como polissêmica e definindo de que forma ela é utilizada quando associada ao bairro atualmente. A pesquisa foi iniciada considerando que boêmio é uma característica constantemente atribuída ao bairro no discurso popular, midiático e governamental. O estabelecimento do tipo bar foi tomado como espaço principal de suporte dessa cultura urbana que é a boemia em Santa Tereza hoje, considerando o grande número de estabelecimentos que funcionam atualmente no bairro, cerca de sessenta. Entre eles estão bares, restaurantes, botequins, armazéns e mercearias, todos aqui denominados bares por escolha da autora, visando a fluidez de leitura do texto. A metodologia de pesquisa utilizada incluiu pesquisa bibliográfica acerca da boemia, da história do bar e da história de Belo Horizonte e de Santa Tereza sucintamente apontadas no artigo; pesquisa documental em fontes escritas, como matérias de jornais, revistas e estudos acadêmicos e informais sobre o bairro, devotando maior atenção às fontes que tratassem de sua vida boêmia; observação ativa da vida urbana do bairro e produção de fontes a partir de entrevistas temáticas com moradores, proprietários e frequentadores de bares. No que diz respeito às entrevistas, foi incorporado ao trabalho o tema da memória, resguardando todo o cuidado metodológico e afastamento necessários quando se está comprometida em um ofício que envolve pessoas, afetividade e cidade.

## **Pátio do Colégio: secularização, memória e reconstrução**

73

sessão de trabalho: cidade, espaço e memórias

João Carlos Kuhn  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
jcskuhn@gmail.com*

Transformado em Palácio dos Capitães-Generais Governadores de São Paulo, o território que então representava o ponto inicial da ação religiosa jesuíta em São Paulo e local da fundação da cidade foi, a partir de 1765, renomeado como Largo do Palácio. Mesmo com a presença da Igreja Bom Jesus, parte integrante do conjunto jesuíta, a mudança de nome resignificou o lugar como um espaço de expressão do poder civil da cidade. Após a demolição da Igreja do Colégio (1896) e a diversas reconfigurações, tanto na edificação quanto no território, o local torna-se completamente secularizado. A partir da década de 1920, o então Largo do Palácio inicia um gradativo processo de dessecularização, sendo aos poucos reconhecido como o lugar da ação religiosa tanto para a Igreja Católica quanto para a Companhia de Jesus, nesse momento já restaurada e presente em São Paulo. O presente artigo busca observar a importância desse gradativo retorno da memória do conjunto religioso jesuíta no imaginário social paulistano, em especial para o grupo de fiéis e religiosos aliados à Companhia de Jesus, no processo que culminou na devolução do terreno para a ordem e reconstrução completa de todo o conjunto iniciado com os festejos do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo em 1954 e finalizado em 1979. Não se tem a intenção, neste artigo, de desqualificar ou invalidar os demais trabalhos que se voltam para o mesmo objeto e que adotam outras chaves de estudo para o local, em especial aqueles que tratam das discussões do patrimônio histórico e material do Pátio do Colégio. Deseja-se, sim, enfrentar a questão da destruição e da reconstrução do Pátio do Colégio sob o viés religioso, buscando contribuir com mais uma camada para o estudo do lugar.

*Pátio do Colégio; secularização; Companhia de Jesus; memória; história de  
São Paulo*

## O samba como memória e resistência da (e na) cidade de São Paulo nas décadas de 1950 e 1960

Marcos Silva

CAU - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

*mvirgilios@gmail.com*

A pesquisa presente procura investigar, por meio da análise literária e musical de sambas compostos em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960, como a população comum percebia e se expressava a respeito das transformações por que a cidade passava no período. Interessam, em especial, as canções que expressam qualquer forma de descontentamento ou insatisfação. Com isso, espera-se mostrar, de um lado, as apreensões do processo que podem se mostrar dissonantes em relação ao discurso, na época hegemônico, do “progresso” ou do crescimento urbano como essencialmente positivo. De outro lado, mostrar as possibilidades reais e existentes de expressão do descontentamento – que nem sempre se manifestavam na forma de protesto aberto mas, mais frequentemente, recorrem a abordagens indiretas, por meio de ironia, sátira ou reivindicações. Ainda que dispostos a se fazer ouvir e a construir simbolicamente uma cidade que reconhecessem como sua, os sambistas parecem ter compreendido desde cedo que a relação com o poder era de acentuada assimetria. Essa compreensão pode explicar a recorrência de um discurso conciliatório ou de resignação, e as diversas passagens em que transparece uma sensação de impotência. Esta sensação não deve, contudo, ser sobrevalorizada: juntamente com a resolução em aceitar aspectos da dominação estão os testemunhos de uma busca permanente de nichos e brechas por onde ampliar o âmbito de sua ação. Além disso, mesmo que derivado de um registro oral, o testemunho ou a narrativa em canção se presta à reprodução e difusão, permitindo que certas imagens da cidade, ou certas situações da vida urbana, sejam recuperadas ou conservadas por outras pessoas, inclusive em outros momentos. Nesse sentido, o samba, mesmo se considerado como veículo de memória, apresenta também um papel importante de problematizar a experiência urbana vivida pelos sambistas, conferindo-lhe uma função crítica: um instrumento também de “resistência”.

# **Memorias en el espacio público urbano. Intervenciones artísticas por los desaparecidos y asesinados de la última dictadura cívico militar (1976-1983) en la ciudad de Ensenada, Buenos Aires, Argentina**

Melina Jean Jean  
*Instituto de Historia del Arte Argentino y Americano  
Universidad Nacional de La Plata  
melinajean@hotmai.com*

Este trabajo se propone analizar las intervenciones por los desaparecidos y asesinados del Terrorismo de Estado de la última Dictadura cívico militar en Argentina (1976-1983). Toma como caso de estudio las producciones artísticas de murales en el espacio público urbano llevadas a cabo, desde el año 2010, por el grupo Espacio de Cultura y Memoria “El Rancho Urutau” a través de su proyecto “Mosaicos por la Memoria” en la ciudad de Ensenada, provincia de Buenos Aires. Se trata de murales con técnica de mosaico de cerámica que a escala urbana, privilegian una representación figurativa de la víctima homenajeada. Los mismos son emplazados en sitios estratégicos de la ciudad, en el barrio al que cada homenajeado pertenecía. Desde una perspectiva interdisciplinaria y metodología de corte cualitativo, se considerará que el fenómeno a estudiar cruza los campos de la historia y la memoria, y los estudios de arte, en una aproximación compleja de la relación entre el proceso histórico político social y las producciones e intervenciones artísticas de murales en la ciudad. El trabajo de campo comprende principalmente observaciones in situ y entrevistas a los integrantes del grupo, familiares y amigos de los homenajeados. Por un lado, se indagará los fundamentos conceptuales del proyecto político estético del grupo en relación a sus intereses y a la trama socio-histórica nacional-local que permitió sus respectivas apariciones en el espacio público urbano. Por otro lado, se analizará el proceso de construcción de los murales, especialmente las condiciones de emplazamiento y la transformación del espacio físico cotidiano que, incorporando estas memorias al tejido urbano, cargan de significados particulares estos lugares. En este sentido, se considera que estas producciones actúan como lugares de memoria en tanto generan un espacio social de rememoración y conmemoración de las víctimas y los sucesos de la historia reciente en la ciudad.

*memorias; espacio público; murales*

## **Exposição Nacional de 1908: a beleza e a verdade do Pavilhão de Santa Catarina**

Eliane Baader de Lima

*PósARQ - Departamento de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade Federal de Santa Catarina*

*ebaaderlima@terra.com.br*

Na Exposição Nacional de 1908, em comemoração ao Centenário da Abertura dos Portos ao Livre Comércio, realizada na cidade do Rio de Janeiro, o pavilhão de Santa Catarina apresentava-se na contramão da modernidade construtiva, revelando possibilidades de visualidades outras que diferem da estética monumental e eclética normalmente proclamada pelo espetáculo de tais exposições. Ao analisar o corpus arquitetônico deste edifício, propõe-se explorá-lo sob as concepções que envolvem o pensamento de John Ruskin, especialmente ao que se refere à noção de Verdade e de Beleza na arquitetura. Segundo o autor, a maior parte da indústria humana do século XIX, entendida como os frutos da engenhosidade do homem, tanto genial quanto comum e ordinária, estava se corrompendo por meio dos novos hábitos estimulados pelo processo de industrialização, pela divisão do trabalho, pela individualização promovida pelos grandes centros e pela aparente ameaça aos valores tradicionais. Neste sentido, era o espírito humano que precisava ser resgatado e a educação estética ruskiniana, mesclando religião, moral e arte, intentava a formação completa do homem, onde a arte (re)surgia como uma práxis banhada pela moral e subordinada às leis divinas. Neste contexto, a arquitetura, na concepção de Beleza em Ruskin, revelava-se como a matriz de todas as artes e o corpus arquitetônico apresentava-se como formador do corpus humano. E, neste encontro corporal fortuito, a arquitetura imbuída de valor estético-moral teria o poder de educar, de ordenar e de elevar a condição humana. Sacrifício, Verdade, Poder, Beleza, Vida, Memória e Obediência são os sete espíritos ou luzes, descritos pelo autor em *The Seven Lamps of Architecture*, como formadores do caráter da boa arquitetura e que compõem o seu conceito de Beleza - manifestado e alimentado no conjunto de alguns e na totalidade destes elementos que fundamentam seu pensamento teórico. Ao analisar o pavilhão de Santa Catarina para a Exposição Nacional de 1908 por meio da estética ruskiniana busca-se investigá-lo sob o espírito da Verdade e da Beleza formal de seus elementos construtivos potencializando outros tipos de visualidades para além da aparência das coisas.

*arquitetura; modernidade; beleza; verdade*

# Como inventar tradições: a poética de Lúcio Costa e a formação do acervo colonial de Paraty, RJ

Daniella Costa

PPGAU - Escola de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal Fluminense

*daniellamartinscosta@gmail.com*

A competência do arquiteto Lucio Costa no campo da arquitetura é fato atestado não apenas por seu legado construído, mas pela forma e intensidade com a qual sua obra é estudada. Sua importância no cenário nacional e internacional, cobrem diversos campos que passam por design de mobiliário, arquitetura, urbanismo e preservação do patrimônio histórico. Porém, este artigo pretende explorar um outro aspecto de sua produção, sua produção textual, ou melhor sua poesia. Navegar sobre os textos de Lucio, seja em suas construções teóricas sobre a arquitetura Brasileira, ou através de seus pareceres técnicos é como encontrar os fios que vão tecendo o mito da arquitetura colonial no Brasil. Este artigo pretende explorar a construção deste mito, especialmente através de dois textos-chaves de Lucio Costa onde se começa a desenhar a ideia de patrimônio no Brasil: 'Documentação Necessária' (1938) e Carta de depoimento (1948). Estes textos vão riscar moldes para adaptação da realidade encontrada em nossas cidades com núcleos históricos ao mito existente nos olhos e imaginário de seus inventores. Como pano de fundo para esta análise vamos ler, a poesia materializada do acervo arquitetônico da pequena Paraty, no estado do Rio de Janeiro. Esta leitura local será feita partindo da visão de Lucio da cidade em um pequeno texto intitulado 'Prospecto arquitetônico' (1960). Este artigo pretende através da poesia modernista de Lucio, entender como preservamos nossas cidades históricas hoje? Será que nos distanciamos de nossa metodologia inicial de preservação? Estamos preservando um mito? O trabalho é parte da pesquisa de doutorado conduzido pela autora no Programa de Pós-graduação em arquitetura da Universidade Federal Fluminense - PPGAU/UFF sob a orientação do professor José Simões de Belmont Pessôa.

## Memória e espaço na gênese de Goiânia

Leonardo Guimarães  
*Universidade Federal de Goiás*  
*leonardodimtryg@gmail.com*

Sob a perspectiva da formação urbana no início da nova capital goiana, a abordagem do presente trabalho visa compreender como o espaço e a memória se relacionavam nas percepções dos pioneiros, durante as primeiras décadas da cidade. No contexto brasileiro de criação de novos núcleos urbanos, cujos traçados planejados e geométricos eram envoltos numa simbologia de modernidade e avanço, percebe-se Goiânia como um exemplo do paradoxo presente nestes momentos de gênese: se, por um lado, uma nova ocupação provoca a impressão de espaço ahistórico (conforme descrito por Lévi-Strauss ao visitar a cidade), observa-se como contraponto o espaço urbano na condição de materialização dinâmica das conexões sociais dos indivíduos que ali permeiam; desta maneira, torna-se compreensível que a paisagem é fruto do homem, assim como o homem também é fruto de sua paisagem, visto a forma que o espaço interfere nas impressões humanas, desde sua localização no mundo quanto associações emocionais e organização das atividades. Dentre todas as condicionantes, na ótica dos momentos iniciais de conformação urbana goianiense, questiona-se assim como seus elementos físicos (naturais e construídos) se conectavam à memória. Em suma: como o território em consolidação da nova capital influenciou na formação da memória coletiva daqueles que se relacionavam com o espaço? Para subsidiar a análise, o trabalho compõe-se a partir da utilização de elementos capazes de evidenciar representações da cidade, relacionando assim fotografias que retratavam a época do recorte temporal (como forma de consolidar o aspecto visual, importante suporte na abordagem do espaço) e depoimentos de antigos moradores (extraídos de fontes escritas que documentaram as impressões desses pioneiros), sobrepondo-as entre si.

## Museus como fenômeno de massas: arte, arquitetura e cidade

79

sessão de trabalho: arquitetura e cidade: memória e representação

Bianca Lupo

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade de São Paulo*

*bianca.lupo@usp.br*

O século XX foi marcado pelos impactos da modernização e da industrialização, propiciando uma série de questionamentos acerca das consequências da produção serial no campo das artes, arquitetura e cidade. O crescimento da cultura pop norte-americana, associado ao contexto de crise do objeto, da arte e da cidade, relaciona-se diretamente à produção da arquitetura e do espaço urbano, que passam a assumir características dos meios de comunicação de massas. Trata-se de um contexto em que a divulgação da imagem apresenta protagonismo em relação à própria realidade física do objeto e do espaço, demonstrando a crise da historicidade e o fim dos sistemas de significado. Nesse sentido, surge um paradoxo entre a emergência da sociedade midiática do consumo, a crise do conceito de historicidade e a concomitante valorização e difusão das instituições museológicas a partir da década de 1960. Logo, a questão principal suscitada por esta reflexão é compreender como os museus se inserem no contexto da sociedade de massas. A arquitetura espetacular de museus, que assume características plásticas próprias e transforma profundamente os contextos urbanos nos quais se inserem, pode ser considerada uma questão chave para a compreensão do museu como mass media. Desta maneira, o artigo se desenvolverá a partir de três eixos de análise. Em primeiro lugar, propõe-se o estudo da cultura pop e de suas implicações na produção do espaço urbano – enfatizando as experiências norte-americanas de Disney e Las Vegas. A seguir, será avaliada a arquitetura como elemento de inserção do museu na sociedade de massas – a partir dos exemplos do Museu Solomon R. Guggenheim (Nova York, 1959), do Centro Cultural Georges Pompidou (Paris, 1977), do Museu Guggenheim Bilbao (Bilbao, 1992), entre outros. Por fim, será proposta uma reflexão sobre o papel do museu no contexto da pós-modernidade e da cultura de massas.

*museus (arquitetura); mass media; cultura pop*

## O corpo e a narrativa da cidade: dos primos Hoffmannianos a Marcovaldo

Ricardo Luis Silva  
Centro Universitário  
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo  
ricardo.lsilva@sp.senac.br

O presente artigo pretende experimentar uma aproximação crítica em dois pontos distintos de uma possível linha genealógica, onde estariam mescladas duas outras, independentes mas correlatas: as genealogias da Literatura urbana e da História da Cidade. O objetivo dessas aproximações críticas é vislumbrar, constituir e colaborar com a formação de uma longa narrativa do corpo na Cidade, principalmente nos séculos XIX e XX. Um corpo que se aproxima timidamente, é instantaneamente sugado para um turbilhão de acontecimentos da modernização em curso acelerado dos centros urbanos, até se encontrar envolvido em uma crise de sua própria constituição psíquica, acarretando sofrimento, distanciamento, alienação e, até, repulsa perante a presença do outro nos espaços da vida cotidiana. Tais aproximações se darão em dois momentos particulares, tanto na genealogia da Literatura urbana, quanto na da História da Cidade. A primeira dessas aproximações será sobre um conto de E. T. A. Hoffmann, de 1822, A janela de esquina do meu primo. A segunda será sobre uma série de micro contos, reunidos posteriormente em livro, de Italo Calvino, de 1963, Marcovaldo ou as estações na cidade. A investigação que permeia todo este artigo é ressaltar a capacidade que a Literatura apresenta para vislumbrar e “personalizar” as relações do homem com a Cidade, constituindo narrativas da vida cotidiana, além de potencializar uma História menor da Cidade. Uma potência que será catalisada aqui pela presença e permanência do corpo como elemento fundamental para a constituição da subjetividade do homem contemporâneo, tão permeado atualmente por ações e discursos anestésiantes, homogeneizantes e destruidores de experiências concretas da espacialidade e da alteridade urbanas.

# Percepções urbanas: as representações de São Paulo nos textos de Claude Lévi-Strauss e Mário de Andrade

Thaina Cardinalli

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*

*Universidade Estadual de Campinas*

*thainacardinalli@gmail.com*

Este trabalho pretende acompanhar as representações da cidade de São Paulo elaboradas nos textos de Mário de Andrade (1893-1945), literato brasileiro, e Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo francês. Ambos os escritores se encontraram na capital paulista, na década de 1930, em decorrência da vinda de Lévi-Strauss ao Brasil para lecionar na recém fundada Universidade de São Paulo, e das atividades culturais desenvolvidas pelo Departamento de Cultura do município, dirigido por Mário de Andrade (1935-1938), cujos programas incentivavam a inclusão e colaboração dos docentes da Universidade paulista. Além da participação conjunta nas ações do Departamento de Cultura, frequentaram os mesmos espaços de sociabilidade promovidos pela intelectualidade paulista, tais quais, a sede do jornal O Estado de S. Paulo, as reuniões e palestras dos professores da USP e bem como dos docentes da Escola Livre de Sociologia e Política. Do convívio do antropólogo com o literato, restaram breves recordações registradas nas entrevistas de Lévi-Strauss, e produções escritas, nas quais ambos ensaiavam reconstituir a cidade, onde viveram. A São Paulo, captada pelas lentes de Mário de Andrade, será estudada a partir dos seus contos e crônicas, enquanto do antropólogo retiro suas descrições do livro de relatos de viagens, *Tristes Trópicos*. Apesar dos textos escolhidos serem elaborados em momentos distintos e acompanharem as preocupações e intencionalidades dos autores, trazem imagens da cidade, que ora se assemelham, ao retratar características comuns de São Paulo: cidade em desenvolvimento, aumento do contingente populacional, novas construções e mudanças nos traçados de ruas, avenidas e bairros; e por outro lado, se distanciam na maneira pela qual organizam seus registros, intimamente, relacionados a trajetória pessoal e profissional, e as suas experiências na cidade. Pretendo, assim, investigar esses encontros e desencontros das representações de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss e em que medida as suas imagens podem nos informar sobre a forma pela qual percebiam os espaços urbanos.

## Dois modos de ver e ler Brasília: a síntese das artes e a realidade polinucleada

Thiago Perpétuo

*Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

*thiago.perpetuo@live.com*

Brasília, a capital construída ex nihilo no Planalto Central do Brasil e inaugurada em 1960, suscita uma enormidade de estudos desde sua construção. Múltiplas são as perspectivas que alimentam as representações da cidade: “Capital da Esperança”; cidade modernista de inspiração nos postulados dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM); capital da política; cidade burocrática; cidade-monumento; patrimônio da humanidade. O presente texto busca observar não apenas a diversidade de representações, mas a compreensão de como elas se modificaram no tempo. Para tanto, dois eventos, que reuniram intelectuais, especialista e personalidades políticas, foram selecionados para, a partir da documentação produzida, operar leituras da cidade no momentos das sensibilidades afloradas: o Congresso Extraordinário Internacional de Críticos de Arte, de 1959 (que trouxe especialista de várias partes do mundo para o canteiro de obras da construção da nova capital) e o Simpósio Brasília: Concepção, Realidade e Destino, de 1985 (do qual participaram profissionais e políticos engajados nas propostas de patrimonialização de Brasília, no momento do processo de redemocratização do país). Além desses eventos particularmente abordados, serão apresentados estudos acadêmicos e artigos de jornais, entremeados na análise de documentação das organizações administrativas e de normatizações que compunham o cenário de construção e desenvolvimento urbano de Brasília, associados aos discursos de preservação da cidade que, por vezes, foi apresentada em estado de incompletude, estando presente em diversos momentos e distintas roupagens a retórica da ameaça constante aos seus designios originais, elaborados pelo arquiteto Lucio Costa.

## Disputas na representação de um “bairro aristocrático”

Pedro Beresin Schleder Ferreira  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de São Paulo*  
*pedro.beresin@live.co*

Desde o lançamento do Boulevard Buchard (1894) até a década de 1930, o bairro de Higienópolis, foi largamente representado em São Paulo como um “bairro aristocrático”. Apesar da heterogeneidade e complexidade social e material presentes em seu cotidiano, como temos aferido através de nossas recentes pesquisas, o bairro foi comumente representado como um ambiente homogêneo, pleno, povoado exclusivamente pelas elites e materializado em fina sintonia com suas preferências culturais “europeias”, “modernas” e chics. Silenciando a presença marcante do cotidiano das classes baixas e da materialidade de suas casas singelas, imaginariamente restritos apenas aos “bairros operários”, Higienópolis foi representado como um bairro povoado exclusivamente pelos palacetes, vias arborizadas, formosos jardins, automóveis, roupas da moda, elegantes madames e mademoiselles, os senhores, coronéis, doutores. Essa representação do bairro foi celebrada e difundida à época pelas elites econômicas e políticas, visando através a conquista de interesses econômicos e políticos através do poder simbólico. Parte da historiografia produzida sobre São Paulo, até o momento, privilegiou essa representação “aristocrática” do bairro, assim como muitas vezes identificou essa imaginação com seus elementos sociais e concretos. Porém, a empolgação com a “modernização” e com o “progresso” do qual Higienópolis era um dos pujantes símbolos tratava-se de uma percepção restrita aos grupos sociais que eram favorecidos por esse processo ou que nele vinham perspectivas de sucesso. O frenesi certamente não contagiou a todos, tampouco o seu destemido otimismo. Na presente comunicação trataremos dessas outras miradas para Higienópolis, procurando compreender através de obras literárias e textos jornalísticos de que forma sua representação “aristocrática” foi apropriada, desenvolvida e difundida pelos grupos críticos à “modernidade” paulistana.

## **Recife: cidade e cinema (1923 - 1931)**

Kate Saraiva  
*MDU - Centro de Artes e Comunicação*  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*arquitetakate@gmail.com*

Na última década, observa-se um número crescente de estudos acadêmicos que associam cultura e meio urbano e, mais especificamente, cinema e cidade. Apesar de ser um tema já abordado em pesquisas dos cursos de Comunicação e Cinema ainda desperta pouco interesse dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo, mesmo sendo as cidades objeto primordial no cinema. O cinema é uma fonte importante de estudos e pode contribuir para entendermos melhor o contexto das cidades e a história urbana. Entretanto, é concreto que existe uma lacuna nos estudos da cidade e da história urbana utilizando o cinema como fonte documental. São poucas as referências encontradas em fóruns de pesquisa brasileiros na área, a exemplo dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU), e as que existem se referem ao Rio de Janeiro ou a São Paulo. O objetivo desta pesquisa é de estudar a cidade a partir da ótica do cinema, no recorte década de 20 do século XX, construindo assim um panorama que sirva para entender as relações entre a representação fílmica e o processo de construção da cidade moderna, complementar a história urbana da cidade do Recife e descobrir as relações entre os campos da cidade e do cinema. Assim, constrói-se um processo de valorização da cultura, da imagem e identidade da cidade, da história e da memória urbana, valoriza-se a cultura local e a importância do acervo documental (de filmes) sobre a cidade do Recife, e associa-se o uso do cinema a uma cultura de leitura de problemas urbanos, de debate sobre a cidade e de atuação junto ao planejamento urbano, bem como se pode contribuir para a promoção de novas produções e pesquisas que abordem o tema “cidade”.

# **Cidade Máquina: o imaginário cinematográfico da cidade de São Paulo, de sinfonia a sociedade anônima**

Denise Lezo  
*Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
denise\_lezo@hotmail.com*

Através da leitura das obras São Paulo, Synphonia da Metropole (Adalberto Kemeny e Rudolf Rex Lustig, 1929) e São Paulo Sociedade Anônima (Luiz Sérgio Person, 1965), este texto se dedica a lançar luz sobre a constituição e as transformações do imaginário cinematográfico da capital paulista entre as décadas de 1920 e 1960, em especial suas relações com as dimensões simbólicas da técnica, da máquina e do progresso. Ainda na década de 1920, a Sinfonia paulistana, realizada aos moldes de produções europeias e norte-americanas do mesmo gênero, apresenta uma visão otimista, quase eufórica, sobre os processos de modernização que permeavam a constituição da cidade naquele momento. Afirmação máxima do domínio do homem sobre a natureza, a urbe era representada como um organismo orquestrado, funcional, em constante movimento produtivo: ela própria, uma máquina. Se não o marco inicial, São Paulo, Synphonia da Metropole representa um momento chave da formulação do imaginário cinematográfico da cidade, no qual São Paulo é associada à industrialização, ao progresso, e à constante transformação, ainda com um viés de otimismo que viria se diluir nas próximas décadas. Já São Paulo Sociedade Anônima, embora apresente algumas reminiscências estéticas das Sinfonias em sua forma de retratar a cidade, se passa em uma São Paulo já profundamente transformada. Representante de um momento de crescimento urbano acelerado e desigual, a São Paulo de Person, locus da técnica e do concreto, estende a relação de unidade entre cidade e máquina para o próprio homem metropolitano. Reféns de uma existência racional e mecanizada, a subjetividade e a liberdade individual dos habitantes metropolitanos se perdem no ritmo inexorável de uma cidade-máquina que não pode parar.

## **Paisagens do desejo: representações da New York no cinema**

Elisabete Reis

*PPGAU - Escola de Arquitetura e Urbanismo*

*Universidade Federal Fluminense*

*reisbete@gmail.com*

De que maneira a arte cinematográfica pode acionar formas de compreensão da paisagem? Como a filmografia sobre a cidade cria, captura e propaga a imageabilidade da paisagem urbana? Quais seriam os envolvimento das representações da cidade com o imaginário social? Considerando o sentido e o alcance singular do tema da paisagem no contexto da cidade, na filmografia contemporânea, esse estudo se dedica à reflexão sobre a imageabilidade da cidade de New York criada e difundida pelas representações do cinema. A partir da análise de filmes com o foco na cidade em questão, foram identificadas e caracterizadas as recorrências e distinções das relações entre a paisagem urbana e a imageabilidade criada pelo cinema. Num contexto mais abrangente, compreendemos que as cidades são frutos de inter-relações humanas coletivas que, consciente ou inconscientemente, configuram diversidades tanto em termos de estruturas materiais quanto em termos de sociabilidades. Como fruto desta organização física, social e simbólica que é a cidade, surgem as mais variadas representações do urbano. Erigidas enquanto crítica ou utopia, as representações cinematográficas fazem parte de um imaginário que simultaneamente nos revela aspectos físicos, simbólicos e culturais da sociedade. Assim, esse artigo trata de uma abordagem teórica e crítica que busca explorar as representações da paisagem da cidade pelo cinema como possibilidade de compreensão do contexto da cidade contemporânea e sua trajetória.

# Problematizações da arquitetura e do urbanismo em fotografia

Junia Mortimer  
*Faculdade de Arquitetura  
Universidade Federal da Bahia  
junia.mortimer@gmail.com*

Neste artigo apresento conjuntos de fotografias, em diferentes momentos históricos, com o objetivo de investigar como essas imagens, enquanto objetos artísticos e históricos, problematizam questões urbanas e arquitetônicas. Num primeiro momento do texto, faremos um breve percurso por propostas fotográficas contemporâneas, incluindo trabalhos de Carrie Mae Weems, Caio Reisewitz e Lucia Koch, buscando exercitar o desdobramento dessas visibilidades para o contexto urbano. O que essas propostas fotográficas nos permitem ver da cidade e do espaço construído? Num segundo momento, proponho investigar outro conjunto de imagens que sugerem localizar nas décadas de 1960 e 1970 um momento de inflexão comum aos campos da fotografia artística e também da arquitetura e do urbanismo. Esse momento de inflexão, que identifico como invenção das origens para o estudo que proponho, é marcado pela mudança de determinados paradigmas, nos campos de conhecimento aqui envolvidos, que teriam possibilitado um interesse crescente de artistas em tematizar fotograficamente o ambiente construído e a cidade. Ao tematizar o ambiente construído e a cidade, esses artistas problematizam questões de serialização, tipologia, cotidiano, vernacular e mercado imobiliário que eram caras à discussão de cidade naquele momento histórico. A seleção de imagens que apresento nessa segunda parte do texto foca os contextos norte-americano e europeus devido ao protagonismo de artistas provenientes dessas partes do mundo em se utilizar do meio fotográfico dentro de seus processos estéticos. Entre os trabalhos analisados, destaco aqueles de Edward Ruscha, Stephen Shore e Bernard e Hilla Becher. Com esse estudo, pretende-se também matizar as relações entre imagem e espaço construído, chamando atenção para como diferentes práticas fotográficas atribuem visibilidade a discussões sobre espaço e sociedade.

## **A fé nas águas: a aproximação ao litoral de Salvador (BA) a partir de suas hierofanias**

Daniel Paz

*Faculdade de Arquitetura / Universidade Federal da Bahia  
danielmelladopaz@hotmail.com*

As cidades litorâneas ocidentais passam há décadas por um processo de valorização e ocupação de seu bordo marítimo sob o signo do lazer e do bem-estar, com impactos na forma da cidade e urbanização do território. Na história da aproximação ao litoral, emprega-se a literatura européia como guia, obscurecendo em alguma medida a sua compreensão. Um componente importante no Brasil, e talvez mais em Salvador, é o componente religioso. As hierofanias à beira-mar, com afluxo expressivo da população, e sua relação com o lazer, em especial com a Festa. São santuários próximos ao mar, fontes de águas miraculosas, a revelação religiosa e a manifestação do poder por trás das águas, no conjunto de seus domínios e em pontos singulares, marcantes. Em uma sociedade de cortejos e romarias, com forte presença da atividade marítima, havia número significativo de procissões náuticas dos padroeiros de tais atividades. Em igrejas à beira mar, rentes ou a cavaleiro, no centro da cidade ou em áreas distantes, ocorriam e atraíam multidões. As virtudes miraculosas de fontes à beira-mar, algumas vezes relacionadas a tais romarias, mostrava hierofanias mais intensas. As pegadas do apóstolo São Tomé em Paripe e em Piatã, em mar aberto e área remota para a cidade colonial, era mote de animados festejos. O animismo da Mãe d'Água, convergindo mitos indígenas, a figura ocidental da Sereia e as divindades aquáticas africanas, entendia como sagrado todo o vasto domínio das águas: fontes, rios, lagos, e o mar por inteiro. Com locais mais propícios e poderosos, formando uma constelação em rearranjo ao longo das décadas. No Brasil não se deu o desencantamento do mundo, convivendo a urbe com uma geografia sagrada popular, o sincretismo em todos os níveis e contigüidade espacial e social de práticas muito distintas. Apesar da sua envergadura e intensidade, configurando a face efêmera da cidade, não demonstrou efeitos duradouros na forma urbana, com raras exceções.

*maritimidade; religião; história urbana*

## A (des)ordem urbana nas vivências femininas do espaço público

Maria Isabel C. M. Rocha

*Faculdade de Arquitetura / Universidade Federal da Bahia  
bel.cmr@gmail.com*

O artigo é fruto da experiência cotidiana em Salvador que nos colocou em contato com diversas formas de ocupação e apropriação do espaço público, formais e informais, produzidas por estratégias urbanísticas e por táticas habitantes. Nelas, pudemos observar as reminiscências do pensamento constitutivo do Urbanismo, enquanto disciplina, mas, mais especialmente, observamos as sobrevivências de práticas habitantes de outros tempos, notadamente daquelas consideradas como desordem, ou como característica de um ambiente impróprio para o uso das elites. Indo neste sentido, chegamos à atividade cotidiana das baianas mercantes, mas não partimos inicialmente delas e sim de outras apropriações ambulantes (e menos ambulantes) do espaço público de Salvador. Atualmente, as questões de ordem urbana retornaram à cena urbanística na cidade propondo ordenamentos em lugares do cotidiano, com vistas a sua exploração pelo turismo. A Secretaria de Ordem Pública, revitalizada na atual gestão municipal, veio atuar inicialmente para o ordenamento do comércio ambulante da/na Avenida Sete de Setembro, no Centro. Chegou, com a Copa do Mundo, a propor um choque de ordem na orla da Barra, trecho final da mesma avenida, onde os quiosques para a venda de coco verde foram demolidos, desestruturando parte da rede de relações sócio espaciais construídas cotidianamente. Ao acompanharmos o caso de uma vendedora de coco, sua relação com o lugar e com as forças da ordem, fomos levadas a pensar na prática mercante feminina como sobrevivência ancorada na territorialidade, especialmente por meio das táticas de sociabilidade. Remetemo-nos assim, às vendedoras ambulantes de outros tempos, hoje conhecidas como baianas e mais associadas à venda do acarajé. Jogando com os processos de exclusão social (de classe, raça e gênero), elas foram levadas a buscar outras formas de ser na cidade. A venda ambulante certamente se expressa em outros corpos, nos detemos aqui naqueles corpos femininos que, contrariando todas as expectativas de uma sociedade patriarcal excludente e voltada para a propriedade privada, ganharam as ruas e constituíram outras ordens.

*espaços públicos; ordenamentos; Salvador*

## **Cartografias da cidade do Rio de Janeiro: um mapa para diferentes narrativas**

Ana Carolina Oliveira  
*PPGAU - Escola de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade Federal Fluminense*  
*anacarol.mo@hotmail.com*

O presente trabalho é um estudo sobre o papel de diferentes mapas na construção de um roteiro turístico na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Tem como objetivo identificar as diferentes construções de roteiros para a região portuária da cidade e avaliar a relevância da cartografia para o fenômeno turístico. Para tanto, a proposta é analisar a região portuária da cidade do Rio de Janeiro, a partir de três cartografias distintas: TuristEye (colaborativa elaborada por turistas), RioTur (institucional e oficial) e a proposta pelo Porto EnCantos (com uma interpretação da região apoiada na música). Para tanto foi realizada, primeiramente, uma breve revisão bibliográfica sobre os seguintes referenciais: turismo, mapas, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista. Dialogando, fundamentalmente, com os seguintes teóricos: Coriolano, Casco, Santos, Barthes, Gomes, Lynch e Urry. Em um segundo momento, foi realizada uma investigação de mapas turísticos de diferentes épocas. Eles são voltados para a construção de imagens turísticas e/ou informações a respeito de usufruir a cidade e trazem um número significativo de dados sobre a história da evolução urbana e social. Foi fundamental a análise histórica para compreender as mudanças pelas quais a região passou e que estão cristalizadas nas diferentes cartografias expostas. O diálogo entre teóricos do turismo, cartografia, cidade, visibilidade, roteiro e o olhar do turista foi necessário para o entendimento do tema. A análise das três cartografias contemporâneas promoveu a reflexão sobre as narrativas turísticas atuais da região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Destacando que novas cartografias podem enriquecer, aprofundar e rever discursos dominantes sobre a cidade, em particular através da música.

# Cartografías contestadas. Estética y activismos urbanos en la disputa por el espacio público

Federico Urtubey

*Instituto de Historia del Arte Argentino y Americano*

*Universidad Nacional de La Plata*

*ue.federico@gmail.com*

El presente trabajo se propone indagar en torno a las prácticas artísticas contemporáneas que, en Argentina, habilitan al espacio urbano como soporte posible para sus investigaciones-acciones. A estos efectos, se propone reconstruir aquellos antecedentes que desde la historia del arte proveen ejemplos en los cuales la producción cultural se ha abocado a la activación del espacio urbano como dispositivo de reflexión sobre diversas problemáticas de carácter público. Para ello, luego de oportunas referencias a las artes locativas y las relaciones entre arte, tecnologías y espacio urbano, se propondrá el estudio de una serie de obras pertenecientes a la historia del arte argentino de las últimas décadas, lectura que exigirá no sólo la pertinente contextualización de las mismas sino fundamentalmente el análisis de la transformación de las propuestas de apropiación del espacio urbano a través del tiempo. En una segunda etapa del trabajo, el análisis se centrará en el colectivo Iconoclastas, procurando avanzar en el conocimiento de aquellos grupos que desde el activismo artístico promueven reivindicaciones de carácter territorial, en los cuales la investigación artística se direcciona como un ámbito de deliberación colectiva. Metodológicamente, el presente trabajo se caracteriza por avanzar en una perspectiva transdisciplinar, en orden a la cual se apele a la construcción de un estado del arte de las nociones de territorio y espacio urbano, pero privilegiando al mismo tiempo el recurso al análisis de obra y a los métodos y categorías propios de la historia del arte y la historia socio cultural, con el objetivo de no sólo avanzar en redefiniciones conceptuales atinentes a las ciencias sociales, sino también en lograr reponer de un modo más acabado la eficacia simbólica de las obras artísticas que se proponen como objeto de estudio. La conclusión del trabajo sostendrá de qué modo determinadas prácticas artísticas pueden posicionar formas diversas de producir la ciudad e impedir en ese caso el cierre de las disputas en torno al espacio público.



# RÉSUMOS DE PÔSTERES



# Porosidade urbana: ação e apropriação como construção do espaço urbano público contemporâneo

Mariana Piovan Blumer, Jane Victal Ferreira  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
mpiovanblumer@gmail.com, janevictal@puc-campinas.edu.br

Busca-se compreender o conceito de Porosidade (SECCHI in VALVA, 2011; SENNETT, 2013) como atributo qualitativo do urbano, gerador de urbanidade. Concentra-se na diferenciação entre uma cidade aberta (opened city) a partir de desenhos de espaços que se configuram como membranas, em contraposição, à forma fechada produzida por limites e muros (closed city). Essa produção gera segregação entre os espaços, interferindo fluxos e usos, mas, acima de tudo, ampliando a desigualdade no direito à cidade. Parte-se da interpretação sobre a interdependência entre sujeito e o espaço no qual se insere, reflexo do seu cotidiano, formando a paisagem cultural urbana. Reflexo da construção íntima do sujeito, ou seja, a formação das identidades, a qual também se constrói no outro, espaço ou ser humano - ou seja, na experiência proporcionada pela esfera pública. Esta relação, que se faz cíclica e dinâmica, é dirigida por uma reestruturação do social tomado pelo individualismo e permeado pela patologia na experiência temporal, onde o tempo torna-se um tempo vazio (MATOS, 2013) - entendido aqui a partir de uma aporosidade social. Neste caminho, as diversas construções materiais/físicas do espaço, pré-definidos e desenhados com diversos limites intencionais (aporosidade física), condicionam as relações no espaço urbano público: espaços controlados e determinantes, relações controladas e determinadas. Como resistência, é possível identificar “gestos-fio” (RIBEIRO, 2005) traçando outras perspectivas no cotidiano urbano, e ganham força ao tomarem a dimensão de ações coletivas em diversas formas de apropriação do espaço. São novas possibilidades do “agir subjetivamente” (LEOPOLDO E SILVA, 2012), distanciando os homens das ações passivas - característicos de “peças do sistema” - tornando-os, homem e espaço, ativos, o que referencia a distinção que Milton Santos faz entre “cidade plástica a uma cidade rígida” (2006). Essa análise a partir do conceito de porosidade, contribui para a crítica da construção material e imaterial da cidade e de seu cotidiano, traçando condicionantes que possibilitam uma relação osmótica com os diversos contextos, ou seja, uma relação viva entre tempos, escalas e diversidade de mundos. Tal reflexão é desenvolvida a partir da leitura de dois lugares na cidade de São Paulo: Avenida Paulista e o Lago da Batata.

*porosidade; lugar; cultura urbana; espaço publico; esfera coletiva*

## Os instrumentos urbanísticos de incentivo à criação de espaços coletivos nas centralidades urbanas do município de São Paulo

Luciana Monzillo De Oliveira,  
Maria Augusta Justi Pisani e Adriana Monzillo De Oliveira  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
um.arquitetura@gmail.com,  
augustajp@gmail.com, moarquitos@uol.com.br*

A pesquisa aborda a utilização dos instrumentos urbanísticos propostos na legislação urbana como ferramenta para configuração dos espaços urbanos de uso coletivo da população. A investigação faz uma análise da proposta do novo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei nº 16.050/2014), de estimular a implantação de espaços de uso coletivo nas centralidades urbanas, a partir da utilização de instrumentos urbanísticos, tais como: a fachada ativa, incentivo à fruição pública nos lotes, e a ampliação da largura das calçadas. A pesquisa está dividida em três fases: a primeira decorrente do levantamento realizado em 2012, constituinte de parte de uma tese de doutorado, e cujos resultados parciais são apresentados neste pôster; a segunda fase que se desenvolverá no ano 2016; e a terceira fase que será realizada em 2020. Para a primeira fase foram escolhidos como objetos de análise, trechos de duas centralidades lineares: a Av. Paulista e a Av. Dr. Chucri Zaidan. Para a segunda e terceira fases, foram selecionados trechos de centralidades lineares que também estão localizados na região sudoeste do município: Av. Santo Amaro e Av. Vereador José Diniz. Estes dois últimos fazem parte do Eixo de Transformação Urbana, conforme definição do novo PDE. A pesquisa visa contribuir com as legislações urbanísticas, que determinam regras e instrumentos que influenciam o desenho urbano, com o objetivo de tornar os espaços públicos e as cidades mais atrativos e apropriados para as pessoas. Os resultados preliminares demonstram que a quantidade e a qualidade dos espaços coletivos são fatores determinantes para haver a identificação e a apropriação das centralidades urbanas, pela população.

# Juiz de Fora e sua história urbana: a territorialização das ações de José Procópio Teixeira (c.1916-1926)

Pauliane Casarín Durso

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo |Universidade Federal de Juiz de Fora*

Jorge Nassar Fleury

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo |Universidade Federal do Rio de Janeiro  
casarindurso.p@gmail.com; jorgefleury@gmail.com*

A presente pesquisa objetiva analisar a importância de José Procópio Teixeira (1864-1951) para a institucionalização da prática do urbanismo no Brasil, mais especificamente, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Para isso, busca-se aprofundar os diversos significados de ação pública e social atribuídos aos atores sociais, sobretudo com a autonomia concedida pelo processo de municipalização pelo qual o Brasil vem passando desde a instituição da República. Dessa forma, objetiva-se com esse trabalho a territorialização das decisões, propostas e execuções realizadas no período em que Teixeira foi presidente da Câmara Municipal e Agente Executivo de Juiz de Fora (1916-1926). De forma a simplificar uma análise visual da territorialização das ações de Teixeira, foi realizada uma investigação de sua trajetória, que se deu pela realização de pesquisas em fontes diversas custodiadas pelo Arquivo Histórico da cidade e pela Biblioteca Digital Nacional, como periódicos, leis, atas de reuniões, dentre outros; além de livros da época. Na nebulosa que representa a administração de Teixeira à frente da Câmara Municipal, percebe-se uma gama de pensamentos e ações pautados no melhoramento e progresso da cidade. O período entre as décadas 1910 e 1920, foi marcado pela grande circulação de recursos na cidade, uma vez que essa ganhava destaque graças ao seu desenvolvimento industrial, fato que lhe conferiu o título de Manchester Mineira. Nesse contexto, se faz de extrema importância a investigação das ações de um ator social que esteve, por tantos anos, envolvido nas tomadas de decisões no que concernem aos investimentos e aplicação de recursos no campo do urbanismo. Dessa forma, Teixeira é importante tanto para a história urbana de Juiz de Fora, como do Brasil, pois se envolveu em questões no que tange ao planejamento urbano em um momento que a cidade era cogitada a ser capital do estado devido sua importância política e econômica e por estar próxima a então capital federal Rio de Janeiro. Sua importância é reafirmada sobretudo ao analisar em como suas ações refletem na atual conformação do espaço urbano.

*atores sociais; municipalização; Juiz de Fora*

## **Cidade e cinema: os cines pornôs e as transformações urbanas em Salvador**

João Soares Pena  
*Faculdade de Arquitetura  
Universidade Federal da Bahia  
Faculdade Devry Ruy Barbosa  
joaopena.88@gmail.com*

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os cines pornôs no Centro de Salvador que atualmente funcionam como espaços de prática sexual e sua relação com seu entorno. Nesse sentido, investigamos a trajetória do cinema em Salvador desde sua chegada, em 1897, abrigado pelos teatros, que, ao agregarem esta nova atividade, passaram a ser denominados cine teatros. Já no início do século XX surgiram os primeiros cinemas de rua, ou seja, edificações erguidas especificamente para a projeção de filmes, os quais passaram a ter grande importância na dinâmica da cidade, na determinação de fluxos e também no cotidiano das pessoas. Com a expansão urbana e mudanças ocorridas na segunda metade do século XX que priorizou as novas áreas em detrimento do antigo Centro, além de outros fatores, os cinemas de rua sofreram uma retração e fecharam pouco a pouco e apareceram os cinemas nos shopping centers, situados nessas novas áreas luminosas. Dos antigos cines, restaram apenas aqueles que se dedicaram à exibição de filmes pornôs. A pornografia enquanto gênero cinematográfico teve ascensão nos anos 1970, chegando aos cinemas de rua de Salvador. Inicialmente os filmes pornôs foram exibidos nas principais salas de cinema da cidade. Contudo, certo tempo depois alguns cines se especializaram na exibição desses filmes, os quais tornaram-se nos anos 1980 espaços onde os frequentadores passaram a também realizar práticas sexuais. Hoje, é possível encontrar nesses locais parceiros para práticas sexuais, sejam simples frequentadores ou os profissionais do sexo que trabalham nos cines. Esses cinemas fazem parte de um circuito maior de espaços de prática sexual no Centro de Salvador com algumas características similares entre eles e estão localizados próximos a importantes terminais de transporte, pontos turísticos e equipamentos urbanos importantes.

*centro; Salvador; cinema pornô; práticas sexuais*

## Reconstituição de dados das cadernetas de campo da Comissão Construtora da Nova Capital (Belo Horizonte)

Janaina Costa Rezende; Renata Elias Bicalho;  
Roberto Eustaáquio dos Santos; Rodrigo Santos Marcandier Gonçalves;  
Thiago Alfenas Fialho; Michelle Ferreira Vilela; Athos Souza Silva;  
Vinicius Fortes de Morais Carvalho

*Escola de Arquitetura | Universidade Federal de Minas Gerais*

*janacrezende@gmail.com; renataelias@gmail.com;*

*rodrigo.marcandier@gmail.com; ro1234ro@gmail.com; alfenasthiago@gmail.com;*

*athosilva7@gmail.com; vilelamichelle@hotmail.com;*

*vinicius\_fortes@outlook.com*

Documentos da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), guardados no acervo do Museu Abílio Barreto, foram recentemente selecionados pelo Programa Memória do Mundo, da UNESCO, passando a ser considerados patrimônio da humanidade na categoria arquivística. Entre esses documentos estão as Cadernetas de Campo dos levantamentos executados pela Divisão de Estudos e Preparo do Solo da CCNC. Produzidas entre 1894 e 1898, as cadernetas contêm dados sobre topografia, cadastro de propriedades, demografia e cursos d'água. Trata-se do registro dos aspectos físicos do sítio natural sobre o qual Belo Horizonte foi construída. Tais informações, originalmente grafadas à mão, foram objeto de preservação digital, de modo a assegurar a integridade dos originais e, ao mesmo tempo, ampliar seu acesso ao público. A digitalização desses originais deu início a um processo de representação da paisagem, base para uma reconstrução da história urbana de Belo Horizonte a partir das obras públicas. Os Sistemas e Informação Geográfica, assim como os CAD e demais softwares gráficos, permitem a reconstituição de dados topográficos em ambiente computacional, assim como amplia as possibilidades de visualização em sequência temporal. Esses procedimentos dão margem a novas abordagens da história urbana, sobretudo as transformações impostas aos sítios naturais pela intervenção humana. Este poster descreve a metodologia utilizada na preservação digital das Cadernetas de Campo e aponta os horizontes de uma investigação que tem por foco as obras públicas realizadas desde o final do século XIX e ao longo do século XX, especialmente a pouco conhecida história do tamponamento dos córregos de Belo Horizonte.

*preservação digital; cadernetas de campo (topografia); história urbana;  
Belo Horizonte*

## **A pé: uma narrativa sobre a experiência do pedestre no centro histórico de Natal**

Bárbara Santos  
CAU – Centro de Tecnologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
barbarabrena@live.com

Vivemos em cidades resultantes de processos urbanos que historicamente contribuíram para o afastamento do pedestre da rua, em consequência de um pensamento urbanístico voltado para uma escala macro, das políticas de incentivo à hegemonia dos veículos motorizados e dos processos de modernização e homogeneização das cidades. Tais posturas distanciaram o homem da rua e interferiram na maneira como nos relacionamos e experimentamos o espaço público. Partindo da constatação do filósofo Michel de Certeau, de que a forma mais elementar de apreensão urbana se dá ao caminhar, desenvolveu-se o presente trabalho: uma investigação crítico-reflexiva dos processos que interferiram e seguem interferindo na relação entre homem e cidade, com enfoque na experiência sensível do pedestre no meio urbano, mais especificamente no Centro Histórico de Natal. O desenvolvimento da pesquisa aconteceu através da apropriação teórica de autores como Paola Berenstein Jacques (2012) e Walter Benjamin (1984) e de pesquisa in loco elaborada através de passeios acompanhados em busca de imagens, memórias e narrativas urbanas com base nas metodologias desenvolvidas por Rachel Thomas (2009), Marta Dischinger (2000) e Kevin Lynch (1960). Busca-se, através do olhar e da experiência de quem anda e vive na cidade, a elaboração de uma narrativa de apropriação da experiência urbana que provoque uma reflexão acerca dos processos que interferem na forma como vivenciamos e experienciamos o Centro Histórico de Natal, e que também instigue o leitor a um novo olhar ou a uma (re)descoberta de antigos ou novos caminhos pela cidade. Ademais, a fim de ilustrar tal reflexão, uma micro-resistência urbana em forma de intervenção artística crítica faz parte da proposta apresentada.

*pedestre; experiência urbana; narrativa; centro histórico de Natal*

Leonardo Vieira; Gabriela Rabelo;  
Janaína Lisiak; Igor Gonçalves Queiroz  
*Faculdade de Arquitetura | Universidade Federal da Bahia*  
*l.ilustracoes@gmail.com; gabrielarabelo2@gmail.com;*  
*janalisiak@gmail.com; igor.gq@gmail.com*

A partir da colaboração de duas equipes de pesquisa, o Laboratório de Estudos Urbanos (PROURB/FAU-UFRJ), coordenado pela professora Margareth da Silva Pereira, e o Laboratório Urbano (PPG AU/FAU-UFBA), coordenado pela professora Paola Berenstein Jacques, o projeto de pesquisa Cronologia do Pensamento Urbanístico ([www.cronologiadourbanismo.ufba.br](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br)) atua mapeando e entendendo as redes complexas que constroem o pensamento urbanístico, através de uma plataforma on-line que reúne dados referentes a projetos, publicações, eventos e fatos relevantes no Brasil e no mundo. É um instrumento de sistematização e divulgação de informações sobre o campo profissional e disciplinar. Do ponto de vista teórico-metodológico, auxilia o trabalho de revisão historiográfica do campo do urbanismo no Brasil, ao permitir questionar - pelos dados que divulga e permite cotejar - a pertinência e/ou adequação do uso de noções como transferência, modelo e/ou influência tributárias de uma visão linear, evolutiva, icônica e fechada de história. Procuramos mostrar as discontinuidades, as contradições e as emergências dos discursos (e projetos). Buscamos apontar as heterogeneidades e acidentes nas diferentes possibilidades de leituras dos dados, ou seja, não buscamos verdades, origens ou identidades perdidas, assim como não procuramos pacificar a história das ideias urbanísticas. A disposição dos dados, disponíveis em uma linha do tempo e em uma “nuvem” de pensamento, permite, entre outros procedimentos, articular dados; identificar as temáticas dominantes em um período ou outro; visualizar a circulação de conceitos e dos autores de uma região a outra ou no interior de um mesmo país. Através destes instrumentos é possível perceber o alcance da circulação de ideias, vocabulários, temas, planos e projetos e as próprias redes intelectuais de pensamento sobre a cidade e o território, que alimentam a dinâmica destes fluxos e, sobretudo, a constituição de “nebulosas” de ideias e de pensamentos na história do urbanismo, uma circulação sistêmica, transgeográfica - e até anacrônica - de dados entre determinados círculos urbanísticos, formando vastas redes de intercâmbio intelectual, acadêmico, científico e artístico que atuam de maneira complexa no campo do urbanismo.

## **Discurso, projetos e práticas na assistência ao alienado na colônia Juliano Moreira (1890 - 1930)**

Jeanine R. Claper  
Casa Oswaldo Cruz  
Fundação Oswaldo Cruz  
jeanine.claper@gmail.com

O modelo de assistência à saúde vigente no fim do século XIX e início do século XX, sustentado pelas novas ideias e conhecimentos científicos para o tratamento mental no Distrito Federal, teve como pano de fundo o público a ser atendido e as condições de higiene da cidade. Com base nos novos pressupostos da ciência psiquiátrica demandaram-se adaptações em instituições existentes e construções de instituições novas. Este pôster apresenta resultados preliminares de parte da pesquisa de doutorado, que se desenvolve a partir da interação dos discursos e das práticas de diversos atores e que contribuíram para efetivação de um modelo de assistência ao doente mental e de instituições de saúde, detendo o olhar sobre a História da Psiquiatria e a História da Arquitetura de forma integrada. A pesquisa adota recorte temporal de 1890 a 1930, no então Distrito Federal, e o estudo de caso tem como objeto a Colônia Juliano Moreira, na época denominada Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá, contrapondo o objeto de estudo com outras instituições de assistência mental no período. Os resultados preliminares buscam trazer, à tona as influências dos modelos internacionais na implantação e no programa de saúde dessas instituições novas e adaptadas para atender ao saber e terapêuticas médicas da época. E, também, a estratégia de localização dessas instituições em locais e regiões específicas, na maioria das vezes isoladas dos centros urbanos.

*colônia Juliano Moreira; assistência à saúde; instituições de saúde;  
história da psiquiatria; história da arquitetura*

# **A participação do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) no debate sobre a restauração arquitetônica e o papel da Revista Arquitetura**

Dayane C. Leite; Ana L. Cerávolo

CAU – Centro Universitário Central Paulista de São Carlos  
daya-carolina@hotmail.com; anaceravolo@gmail.com

O trabalho tem como base a análise na revista *Arquitetura*, produzida e editada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), entre 1961 e 1968, assim como também conta com pesquisa bibliográfica sobre o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) para identificar trabalhos acadêmicos ou publicações já realizadas sobre o órgão. O IAB apresenta significativa participação nas discussões sobre a preservação do patrimônio cultural no Brasil, participou de debates sobre a restauração arquitetônica e o papel dos arquitetos nas políticas de preservação juntamente com Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, hoje IPHAN) e outros órgãos e instituições. Esteve presente no Congresso que elaborou a Carta de Veneza, em 1964, sendo o responsável por enviar uma delegação de cinco profissionais representando o Brasil. *Arquitetura* - Revista do Instituto de Arquitetos do Brasil, era realizada no Rio de Janeiro, teve como membros Maurício Roberto, Affonso Eduardo Reidy, Maurício Nogueira Batista, dentre tantos outros renomados profissionais. Publicou inúmeros artigos do qual abordavam o patrimônio histórico, e se destaca como uns dos periódicos desse período, que buscavam atenção ao que se estava sendo feito para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Este trabalho teve como finalidade avaliar a participação específica dos arquitetos, em particular, da instituição que os representava junto à sociedade em relação à difusão do pensamento sobre a restauração e demais intervenções em edificações, áreas urbanas ou sítios históricos, sobretudo o papel que assume a revista *Arquitetura* no debate e difusão do tema no país. A revista *Arquitetura* foi de significativa importância para a confirmação do que se estava sendo executado no país quando se trata de assuntos relacionados ao patrimônio e ao que se realizava sobre ele. Difundiu informações, denúncias da falta de preservação, questionaram e levantaram questões sobre a posição que o país tomava sobre esse assunto.

*patrimônio histórico; periódico arquitetura; IAB e o patrimônio*

## **A implantação da rede de infraestrutura sanitária em São Paulo e os novos modos de morar na cidade (1890-1920)**

Clarissa Paulillo  
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de São Paulo*  
*claip@usp.br*

O presente trabalho estuda as transformações dos modos de vida na cidade de São Paulo a partir da implantação das redes de água e esgoto durante os anos 1890-1920. É investigado como o aparelhamento técnico sanitário propiciou a articulação da habitação com o meio urbano, tornando a casa parte integrante da cidade, não sendo mais possível compreendê-la sem levar em conta a sua inserção no território. O provimento dos serviços de saneamento para as residências urbanas propiciou uma a renovação dos espaços e da vida cotidiana, sobretudo na definição de um novo ambiente no programa da habitação, alinhado aos novos preceitos de higiene e conforto da vida moderna - o banheiro. Para tanto, são mobilizadas duas tipologias documentais para a pesquisa - a planta residencial e a representação da rede de saneamento na cidade. O cruzamento entre as fontes pode trazer possibilidades de leituras sobre um mesmo fenômeno em diferentes escalas de atuação, de modo que se compreenda o papel das redes de infraestrutura dentro da lógica de produção da cidade e da habitação. O programa habitacional do ponto de vista do advento do banheiro serve para perceber quanto essa lógica interferia não apenas no espaço urbano, como também no espaço doméstico, atuando sobre os comportamentos e os modos de vida da população. Dessa maneira, examina-se a intervenção técnico-sanitária na cidade dentro de sistemas simbólicos e ideológicos mais amplos. As transformações e articulações dos espaços são estudados não apenas como produto da modernização da capital paulista naquele período, mas também como vetor de mediação e conformação de uma nova ordem social, política e econômica.

## Patrimônio e tradição no Tocantins: o caso de natividade

105

resumos de pôsteres

Patricia Reis, Manoela Tiburcio  
CAU - Universidade Federal do Tocantins  
*patriciaorfila@yahoo.com.br; santos.manuu@gmail.com*

Este trabalho faz parte da pesquisa “Tradição e modernidade: uma análise do processo de formação e desenvolvimento da arquitetura no Tocantins”, que tem como objetivo o levantamento do patrimônio edificado das cidades históricas tocantinenses, núcleos urbanos que possuem um significativo patrimônio ainda a ser conhecido, catalogado e preservado. Neste pôster apresentaremos o caso de Natividade, cidade já tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1987 e que passou por intervenções do Programa Monumenta (2001 a 2009). Natividade abriga importantes exemplares da arquitetura colonial, com destaque para os casarões, igrejas e para seu conjunto urbanístico e paisagístico. Tais características apresentam traços importantes da cultura e da tradição regionais. A investigação do processo de formação da arquitetura tocantinense se dá a partir do período de sua constituição, início do século XVIII, com a chegada dos portugueses em busca de ouro, até os influxos do conceito de modernidade tardia no processo de planejamento da capital Palmas.

*patrimônio; natividade; arquitetura*

## **Entre escolas e cidades: tessituras comuns. Políticas públicas educacionais no estado de São Paulo e a construção das cidades**

Miranda Zamberlan Nedel

*Instituto de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo  
mirandanedel@hotmail.com*

Com o fim de avaliar o papel da arquitetura escolar na formação dos indivíduos e cidadãos e na conformação da cidade enquanto objeto construído, buscou-se realizar um estudo historiográfico da relação entre arquitetura e educação sob a lógica da inserção urbana dos edifícios escolares, centrado na produção pública paulista, a partir do Convênio Escolar (1949), abrangendo o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (IPESP, 1959-1966), o Fundo Estadual de Construções Escolares (FECE, 1960-1976), a Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (CONESP, 1976-1987) e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE, 1987-). Por meio de procedimentos metodológicos voltados essencialmente à coleta, análise e síntese de material bibliográfico e iconográfico, se desenvolveram aproximações sucessivas ao tema da pesquisa, amparadas por análises do contexto urbano e das políticas públicas vinculadas ao ensino. Pretendeu-se, pelo método histórico comparativo, elaborar uma análise das obras mais representativas de cada período, a fim de formar um quadro crítico e inferir considerações a respeito das consequentes implicações pedagógicas e arquitetônicas da relação com a cidade. A pesquisa visa contribuir para a compreensão dos processos consequentes à constituição da arquitetura brasileira, assim como dos contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais que a engendraram, e de modo geral, da conformação do ambiente urbano como um todo. Buscou-se compreender, portanto, o papel dos equipamentos públicos escolares na construção das cidades do estado de São Paulo, analisando, para isso, a relação entre as demandas e a rede física instituída, os ideários políticos vinculados à educação, os prédios escolares enquanto propagadores de arquitetura e referências urbanas, a constituição das escolas como pontos nodais do crescimento das cidades, transformações das relações espaciais pretendidas com o entorno urbano, e as lógicas de produção territorial subjacentes à expansão da rede física escolar. Além de equipamentos primordiais à construção das cidades, analisou-se os edifícios escolares como reveladores de inúmeros aspectos do contexto urbano em que foram construídos, reiterando, dessa forma, as escolas enquanto produtos e produtores das cidades.

*arquitetura escolar pública paulista; políticas públicas de ensino; inserção urbana; construção das cidades; programas pedagógicos; edifícios escolares*

# Urbanismo rural: dos projetos de colonização aos projetos de assentamento de reforma agrária

Paula Moreira  
Faculdade de Arquitetura / Universidade Federal da Bahia  
Guiomar Germani  
Instituto de Geociências / Universidade Federal da Bahia  
paulagemeos@uol.com.br; guiomar@ufba.br

O pôster apresentado tem como preocupação a reflexão do processo de concepção das formas espaciais decorrentes da implantação de núcleos habitacionais nos projetos de colonização rural idealizados no período da ditadura militar no Brasil e, dos projetos de assentamentos de reforma agrária entre 1985 e 2010. Tenta-se fazer um paralelo entre as duas formas tomando-se como base os estudos de Camargo (1973) sobre Urbanismo Rural. O Urbanismo Rural, elaborado pelo arquiteto José Geraldo da Cunha Camargo, servidor do INCRA e professor da Universidade do Brasil, teve grande repercussão no cenário rural brasileiro, quando se pensa no assentamento humano. Dos projetos de colonização da ditadura militar, momento em que as ideias tiveram maior divulgação e aderência, até a implantação formal da política de reforma agrária iniciada pelo Governo Sarney, a ideia de um campo com vestígios de urbanidade com vistas a qualidade de vida do camponês é o que prevalece. Apesar deste estudo não pretender avaliar tal concepção, é notório que o modo de vida camponês vem sendo desprezado constantemente pelas políticas públicas, muitas vezes se apoiando nos argumentos do autor. Porém, é importante reconhecer que não houve um avanço abrangente do ponto de vista dos estudos regionais para o campo após o trabalho do arquiteto. Assim, as ações destinadas à construção das habitações acontecem de forma difusa no cenário nacional, sendo que pouquíssimos profissionais de arquitetura se aventuram a atuar neste campo. Algumas melhorias nas unidades habitacionais ocorreram a partir do Governo Lula em consequência do aumento do recurso destinado à construção, fato que repercutiu na melhoria dos núcleos habitacionais dos projetos de assentamentos. Porém, não houve qualificação das formas de implantação e, não foi considerada a importância de se ver a moradia dos assentados a partir dos seus interesses como camponeses. Assim, os núcleos habitacionais implantados expressam que a expansão capitalista vinda conjuntamente com a urbanidade proposta, impõem nos diversos momentos políticos retratados uma lógica urbana para os espaços rurais, desconsiderando as formas espaciais construídas historicamente pelas comunidades camponesas.

*urbanismo rural; projeto de colonização; projeto de assentamento;  
reforma agrária; habitação*

## **Desvendando a história da arquitetura capixaba: olhares sobre o município de Colatina/ES**

Aline Vargas da Silveira;  
Ana Carolina Diniz Bernardo; Gabriela dos Santos Pestana  
CAU - Instituto Federal do Espírito Santos  
*arq.alinevargas@gmail.com;*  
*anadiniz17@gmail.com; gabriela.santos.p@hotmail.com*

No Espírito Santo, pesquisas sobre a história da arquitetura ainda são relativamente raras, é um campo vasto, porém pouco explorado. Há estudos sobre a arquitetura da imigração, arquitetura rural, arquitetura jesuítica mas, em linhas gerais, ainda predomina os estudos sobre os bens tombados em nível estadual e federal. O projeto de pesquisa em questão se apresenta como uma possibilidade de contribuir para a história da arquitetura do Espírito Santo, e mais especificamente com a história da arquitetura de Colatina, considerando que ainda não existe bibliografia abordando especificamente este tema. Sendo assim, este estudo traz à luz um dos principais municípios da região norte e noroeste do Estado. Colatina possui edificações que contam a sua trajetória de desenvolvimento, bem como a dos atores que participaram deste processo. Porém, nada vem sendo feito para a valorização e proteção deste patrimônio. Conhecer, estudar e divulgar essas construções de interesse histórico para o município de Colatina é uma forma de reconhecer a importância das mesmas e de incentivar a sociedade a preservá-los, pois a preservação deles é uma forma de preservar a história, cultura e tradições locais, assim como a memória do lugar. Além das questões técnicas, funcionais e formais da arquitetura em si, este estudo também busca preencher lacunas históricas sobre a conformação territorial do município. Vale salientar que este estudo está centrado na área urbana de Colatina, principalmente no centro da cidade. Pesquisas como esta são fundamentais no campo da manutenção, preservação e restauração do patrimônio edificado. Para que assim, uma tentativa de demolição de uma construção com valor histórico e arquitetônico, não mais aconteça devido a falta de reconhecimento de sua importância e falta de proteção.

# Desenhos de ruas: concepções urbanísticas e significados sociais

Talita Ines Heleodoro  
*Instituto de Arquitetura e Urbanismo*  
*Universidade de São Paulo*  
talitaih@gmail.com

As ruas estruturam uma cidade, ao conhecê-la, conhece-se a partir de suas ruas, sendo um elemento urbano dividido pelos cidadãos em diversas modalidades de sociabilidade, com inúmeras atividades acontecendo simultaneamente em seu espaço. Assim, as ruas, independente do que se convencionou recentemente, não são apenas espaços de circulação, mas também e, principalmente, espaços de cultura, política e inúmeros significados sociais. Diante disso se pretende enfocar num longo recorte temporal diferentes concepções urbanísticas de ruas, além de seus usos e apropriações. A narrativa sobre tais concepções urbanísticas e seus significados sociais gira em torno de basicamente três categorias de análise para o tema proposto: i) uma que diz respeito aos aspectos formais das ruas, ou seja, às suas características de desenho e projeto; ii) outra que trata dos processos históricos da formação das concepções urbanísticas em relação a rua; iii) e, por fim, o entrelaçamento dessas duas categorias para demonstrar os aspectos sociais, políticos e culturais tanto das concepções ou ideias urbanísticas quanto propriamente de seus desenhos, usos e significados. Nesse sentido, pretende-se iluminar as qualidades metafísicas das ruas como um espaço de encontro social, de divergências políticas e de apropriações culturais, retomando a noção de urbano como proposta por Henri Lefebvre, ou seja, como lugar de sociabilidade e de prática política, sendo a rua um dos principais suportes da vida urbana.

- ALBA; Anderson D. [24]  
ALMEIDA; Maria S. De [53]  
ALMEIDA; Renata G. C. de [69]  
AZEVEDO; Marlice N. S. [44]  
AZEVEDO; Mirandulina [48]  
BARBOSA; Leonardo C. [61]  
BELOTO; Gislaiane [28]  
BENDER; Helena [23]  
BERNARDO; Ana C. D. [108]  
BICALHO; Renata E. [99]  
BLUMER; Mariana P. [95]  
BONATES; Mariana [40]  
BORIN; Monique [41]  
BRITTO; Ana L. N. de P. [58]  
BUENO; Beatriz [66]  
CAPASSO; Verónica [33]  
CARDINALLI; Thaina [81]  
CARDOSO; Marianna [37]  
CARVALHO; Vinicius F. de M. [99]  
CASTRO; Ana C. V. de [35]  
CERÁVOLO; Ana L. [103]  
CHAHIN; Samira B. [25]  
CHIQUITO; Elisangela de A. [27]  
CLAPER; Jeanine R. [102]  
COLOSSO; Paolo [31]  
COSTA; Daniella [77]  
COSTA; Milena S. da [44]  
CRUZ; Leandro [32]  
CUERVO; Juan [47]  
DERNTL; Maria F. [64]  
DINIZ; Anamaria [45]  
DURSO; Pauliane C. [97]  
ESPINOZA; José C. H. [22]  
FARIA; Rodrigo de [26]  
FERRARE; Josemary O. P. [52]  
FERRARI; Camila [42]  
FERREIRA; Jane V. [95]  
FERREIRA; Pedro B. S. [83]  
FIALHO; Thiago A. [99]  
FLEURY; Jorge N. [97]  
FURTADO; Fernanda [68]  
GERMANI; Guiomar [107]  
GONÇALVES; Rodrigo S. M. [99]  
GONDIM; Linda M. [30]  
GUIMARÃES; Leonardo [78]  
HELEODORO; Talita I. [109]  
JEAN; Melina Jean [75]  
KAMIMURA; Rodrigo [51]  
KUHN; João C. [73]  
LEÃO; Tharcila M. S. [52]  
LEITE; Dayane C. [103]  
LERSCH; Inês M. [55]  
LEZO; Denise [85]  
LIMA; Eliane B. de [76]  
LIRA; José T. C. de [34]  
LISIAK; Janaina [101]  
LÓPEZ; Pedro N. [59]  
LUPO; Bianca [79]  
MACHADO; Bruno A. [67]  
MARTÍN; Nuria R. [59]  
MEDEIROS; Gabriel L. P. de [59]  
MOREIRA; Fernando D. [54]  
MOREIRA; Paula [107]  
MORTIMER; Junia [87]  
NEDEL; Miranda Z. [106]  
NUNES; Layane [63]  
OLIVEIRA; Adriana M. De [96]  
OLIVEIRA; Ana C. [90]  
OLIVEIRA; Ana L. V. [62]  
OLIVEIRA; Luciana M. de [96]  
OLIVEIRA; Luiz P. L. de [65]  
OLIVEIRA; Raíssa P. C. de [50]  
PAULILLO; Clarissa [104]  
PAZ; Daniel [88]  
PENA; João S. [98]  
PERPÉTUO; Thiago [82]  
PESTANA; Gabriela dos S. [108]  
PISANI; Maria A. J. [96]

PONTUAL; Virgínia [46]  
PULHEZ; Magaly M. [43]  
QUEIROZ; Igor G. [101]  
RABELO; Gabriela [101]  
REGO; Renato [29]  
REIS; Elisabete [86]  
REIS; Patrícia [105]  
REZENDE; Janaina C. [99]  
REZENDE; Vera [68]  
ROCHA; Maria I. C. M. [89]  
ROSA; Thaís [43]  
SALGUEIRO; Heliana A. [36]  
SANTOS; Bárbara [100]  
SANTOS; Roberto E. dos [99]  
SARAIVA; Kate [84]  
SAYD; João L. C. [58]  
SILVA; Athos S. [99]  
SILVA; Marcos [74]  
SILVA; Ricardo L. [80]  
SILVEIRA; Aline V. da [108]  
SIMÕES JUNIOR; José G. [36]  
SIMÕES; Nathalia A. [22]  
TEIXEIRA; Rubenilson [60]  
TIBURCIO; Manoela [105]  
TICLE; Maria L. S. [72]  
TOURINHO; Andréa [49]  
URTUBEY; Federico [91]  
VARGAS; Luís F. Da S. [53]  
VIEIRA; Leonardo [101]  
VILELA; Michelle F. [99]

# Índice de autores



# ANOTAÇÕES



















































































Ana Lúcia Cérvolo (organização visita guiada)

Bárbara Helena Almeida Carmo

Camila Ferrari

Érica Emi Takahashi

Esther Encinas Audibert

Flávia Marcarine Arruda

José Eduardo Calijuri Hamra

Julio César Botega do Carmo

Marília Reis Sé

Raiane Rosi Duque

Sanane Santos Sampaio

Talita Ines Heleodoro

**Equipe de apoio**



Adrián Gorelik

Brianda de Oliveira O. Sigolo

Elisângela de Almeida Chiquito

Joubert José Lancha

Mariana Lucchino

Thais Troncon Rosa

# Agradecimentos



**Secretaria** do XIV SHCU: (16) 3373-9278

Secretaria da Pós-graduação do IAU-USP:  
(16) 3373-9312; (16) 3373-9264

**Pontos de Táxi**

Ponto na Rua Padre Teixeira, *(ao lado da Escola Estadual Álvaro Guião):*  
(16) 3371-2305

Ponto Rodoviária *(Rua César Ricomi, s/nº)*  
(16) 3371-9324

Ponto Santa Casa *(Rua Paulino Botelho de Abreu Sampaio, s/nº)*  
(16) 3371-9276

Ponto Catedral *(Rua Treze de Maio, s/nº)*  
(16) 3371-3354

UseTaxi  
(16) 3307- 7000

Coopertaxi  
(16) 3415-6005

Disk Taxi 24h  
0800-7730080

**Rodoviária** de São Carlos: (16) 3371-9209

Viação Cometa: 4004-9600  
*(Araraquara, Campinas, São José do Rio Preto e São Paulo)*

Viação Cruz: 0800 555 234  
*(Araraquara, Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e São Paulo)*

Viação Motta: 0800 728 9898  
*(Belo Horizonte)*

Viação Pássaro Verde: 0800 724 4400  
*(Belo Horizonte)*

Viação Reunidas Paulista: 0800 709 9020  
*(Bauru e Rio de Janeiro)*

Polícia Militar: 190  
SAMU: 192

Pronto Socorro Municipal: (16) 3371-2100  
Pronto Socorro da Santa Casa: (16) 3509-1100  
Hospital-Escola Municipal: (16) 3362-5555  
Dentista 24h: (16) 3116-9343

Telefones úteis



instituto de  
arquitetura  
e urbanismo  
usp são carlos

programa de  
pós-graduação  
em arquitetura  
e urbanismo



associação nacional de  
pós-graduação e pesquisa em  
planejamento urbano e regional

# ANPARQ

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ARQUITETURA E URBANISMO



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



**CAPES**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



**Santander**

**Apoios institucionais**

## XIV SHCU

xiv seminário de história da cidade e do urbanismo

**cidade, arquitetura e urbanismo:**

visões e revisões do século XX

setembro de 2016

**são carlos - sp**